

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**A ORAÇÃO EM LÍNGUAS E A EDIFICAÇÃO PESSOAL — UMA ANÁLISE
EXEGÉTICA DE 1CO 14.1-5.**

Tiago dos Santos Borges da Silva

São Paulo
2024

Tiago Dos Santos Borges Da Silva

**A ORAÇÃO EM LÍNGUAS E A EDIFICAÇÃO PESSOAL — UMA ANÁLISE
EXEGÉTICA DE 1CO 14.1-5.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final no
curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São
Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Machado.

São Paulo

2024

SILVA, Tiago dos Santos Borges da

A oração em línguas e a edificação pessoal — uma análise exegética de 1 Co 14.1- 5 – São Paulo, 2024.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Bacharel em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Jonas Machado

Introdução – Panorama histórico do uso do dom de línguas – O entendimento do apóstolo Paulo sobre os dons espirituais em 1 Coríntios – Análise do texto – Considerações finais.

CDD 230

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Tiago dos Santos Borges da Silva

A ORAÇÃO EM LÍNGUAS E A EDIFICAÇÃO PESSOAL — UMA ANÁLISE
EXEGÉTICA DE 1CO 14.1-5.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jonas Machado – Orientador

Prof. Me. Marcos de Almeida – Leitor

São Paulo
2024

DEDICATÓRIA

Dedico ao Deus todo poderoso, Rei Eterno, Deus único, à Ele que tem me sustentado com Sua maravilhosa graça, seja toda honra glória e louvor.

À minha família. Minha amada esposa Marileide principal incentivadora em tudo que eu empreendo; tem trazido refrigério para minha alma, me apoiado incondicionalmente, trazendo suporte e aliviando minhas cargas, louvo a Deus por sua vida “Ma”. Aos meus filhos, Samuel e Lorena, que sempre me trazem alegria e me fazem lembrar o que é um amor puro e incondicional amo vocês. Minha mãe, minha intercessora, sempre disposta a colocar minhas necessidades na frente das delas, sempre disposta a investir em mim, grande patrocinadora dos meus livros, obrigado por tudo mãe, te amo.

À Faculdade Batista Teológica de São Paulo, e a minha amada Igreja Batista de Vila Menck, Osasco, pois foram e continuam sendo instrumentos de Deus para a edificação da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua infinita graça e misericórdia sobre a minha vida, sem ele não teria chegado até aqui.

A minha querida esposa, que sempre me apoiou com palavras de ânimo em meio aos momentos de dúvida e cansaço. Meus filhos que sempre estão dispostos a amar, muitas vezes me esperavam acordados até tarde da noite para me dar um beijo e desejar boa noite. A minha mãe irmãos e familiares que sempre estiveram ao meu lado.

Ao professor, Jonas Machado pelo apoio, paciência e dedicação para comigo, me orientando na execução deste trabalho.

Aos meus amigos de classe que sempre estiveram comigo nessa caminhada, proporcionando momentos inesquecíveis, palavras de incentivo e também exortação, em especial César Garcez, Davi Cardoso, Franklin Almeida e Leonardo Campos, muito obrigado por tudo meus amigos. Muito orgulho de ter caminhado e aprendido com vocês.

Finalizando, agradeço à Faculdade Teológica Batista de São Paulo, usada por Deus de forma graciosa, para me proporcionar a realização de um sonho. A todos professores pelo apoio e dedicação, tenho grande carinho e admiração por todos. A toda direção e funcionários que também fizeram parte desta história, em especial o Sr Roberto, sempre nos recepcionando com muita alegria e carinho. A todos vocês, o meu muito obrigado.

A ordem de Paulo é: "Portanto, meus irmãos, busquem com dedicação o profetizar e não proibam o falar em línguas. Mas tudo deve ser feito com decência e ordem."

(1Co 14:39-40).

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa acerca da oração em línguas para a edificação pessoal, a partir da carta de Paulo aos coríntios na perícopre de 1Corintíos 14.1-5. Para realizar a análise desta passagem, foi necessário apresentar um panorama histórico do dom de línguas e como esse dom foi entendido em diferentes épocas e contextos da igreja. Também foi apresentado por meio de pesquisas bibliográficas uma teologia do apóstolo Paulo sobre os dons, em especial o dom de línguas. Por fim foi apresentado uma exegese da perícopre fundamentada no contexto histórico da carta, nas palavras gregas chaves para o entendimento do tema, e de pesquisa bibliográfica, abrangendo grande quantidade de material sobre o Novo Testamento, estudos específicos sobre Corinto, comentários bíblicos e léxicos.

Palavras-chave: edificação; línguas; Espírito; oração;

ABSTRACT

This paper presents a study on praying in tongues for personal edification, based on Paul's letter to the Corinthians in the pericope of 1 Corinthians 14:1-5. To analyze this passage, it was necessary to provide a historical overview of the gift of tongues and how this gift has been understood in different periods and contexts of the church. Additionally, through bibliographic research, a theology of the apostle Paul regarding spiritual gifts—particularly the gift of tongues—was presented. Finally, an exegesis of the pericope was conducted, grounded in the historical context of the letter, key Greek words essential to understanding the theme, and extensive bibliographic research, covering a wide range of New Testament materials, specialized studies on Corinth, biblical commentaries, and lexicons.

Keywords: edification; tongues; Spirit; prayer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. PANORAMA HISTÓRICO DO USO DO DOM DE LÍNGUAS	3
1.1. CESSACIONISMO	3
1.1.1. O cessacionismo e o dom de línguas.....	4
1.2. CONTINUÍSMO.....	6
1.2.1. Os pentecostais.....	7
1.2.2. O pentecostalismo, o batismo no Espírito Santo e o dom de línguas.....	7
1.2.3. Carismáticos	11
1.3. DEFINIÇÃO DA EXPRESSÃO ΓΛΩΣΣΑΙΣ ΛΑΛΕΙΝ (<i>GLŌSSAIS LALEIN</i> , FALAR EM LÍNGUAS).....	12
1.4. O ARGUMENTO HISTÓRICO	15
2. O ENTENDIMENTO DO APÓSTOLO PAULO SOBRE OS DONS ESPIRITUAIS EM 1CORÍNTIOS	22
2.1. DEFINIÇÃO DE DONS ESPIRITUAIS	22
2.2. A TEOLOGIA DOS DONS ESPIRITUAIS EM 1 CORÍNTIOS	22
2.3. O APÓSTOLO E O DOM DE LÍNGUAS	26
3. ANÁLISE DO TEXTO	31
3.1. CONTEXTO LITERÁRIO DA CARTA AOS CORÍNTIOS.....	31
3.1.1. Autoria.....	31
3.1.2. Data.....	31
3.1.3. Destinatário.....	32
3.1.4. Contexto	32
3.1.5. Propósito	33
3.2. EXEGESE DE 1 CORÍNTIOS 14.1-5	34
3.2.1. Delimitação da perícopes	34
3.2.2. Tradução da perícopes	35

3.3. Síntese Teológica.....	36
3.3.1. Oração em línguas: edificação pessoal por meio do Espírito	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa busca se aproximar do entendimento do apóstolo Paulo, sobre o uso do dom de línguas na vida devocional dos cristãos e como essa prática pode trazer benefícios na vida de um discípulo e como esses benefícios podem afetar a comunidade de crentes. E isto a priori, com algumas questões básicas para tentar nortear o caminho, a saber: O que o apóstolo quer dizer com “Quem fala em línguas a si mesmo se edifica?” Como essa edificação acontece? Quais os benefícios um cristão, edificado por meio do dom de línguas, pode trazer para a comunidade de cristãos?

Este estudo se concentra na análise do dom de línguas no contexto de edificação pessoal, conforme apresentado em 1 Coríntios 14.1-5. Embora outros contextos e aspectos do dom possam ser mencionados, a pesquisa não pretende tratar desses outros assuntos de forma abrangente.

O dom de línguas, conforme descrito em 1 Coríntios 14:1-5, serve como um meio eficaz de edificação pessoal para o cristão, proporcionando um fortalecimento espiritual individual que, por sua vez, contribui de maneira positiva e significativa para a edificação e o bem-estar da comunidade de crentes. Essa edificação pessoal ocorre por meio de uma conexão mais íntima com o Espírito Santo, que resulta em benefícios espirituais tanto para o indivíduo quanto para a comunidade cristã, refletindo a intenção do apóstolo Paulo ao incentivar o uso devocional desse dom.

A compreensão do dom de línguas e seu papel na edificação pessoal é essencial para uma abordagem mais completa da vida devocional cristã contemporânea. Embora seja um tema que gera debates teológicos, a análise exegética de 1 Coríntios 14:1-5 oferece uma base bíblica sólida para explorar como esse dom pode contribuir para o crescimento espiritual individual e, conseqüentemente, para o fortalecimento da comunidade de crentes. Ao aprofundar o entendimento sobre a edificação pessoal através do dom de línguas, esta pesquisa pode fornecer insights valiosos para a prática cristã, ajudando a esclarecer como esse dom pode ser aplicado de forma saudável e produtiva na vida devocional atual, beneficiando tanto o indivíduo quanto a coletividade.

O objetivo deste trabalho é analisar o uso do dom de línguas na edificação pessoal do cristão, a partir de uma exegese de 1 Coríntios 14:1-5, com o intuito de compreender como essa prática espiritual contribui para o crescimento individual e

para o fortalecimento da comunidade cristã. Realizar uma análise exegética detalhada de 1 Coríntios 14:1-5, com foco no contexto histórico, literário e teológico do texto. Investigando o significado de "edificação pessoal" no contexto do uso do dom de línguas, conforme descrito pelo apóstolo Paulo. Explorando como a edificação pessoal por meio do dom de línguas ocorre na vida do cristão, com base em evidências bíblicas e teológicas. Identificar os benefícios que a edificação pessoal através do dom de línguas pode trazer para a comunidade de crentes, considerando a prática devocional atual. Avaliando as implicações práticas e pastorais do uso do dom de línguas para a edificação pessoal no contexto das igrejas cristãs contemporâneas.

O trabalho será estruturado da seguinte forma: No primeiro capítulo, serão abordadas as duas principais posições teológicas: continuísmo (a crença na continuidade dos dons espirituais, incluindo o dom de línguas, até os dias de hoje) e cessacionismo (a crença de que certos dons, incluindo o dom de línguas, cessaram após o período apostólico). Será apresentado um panorama histórico do dom de línguas desde os primórdios do cristianismo até a atualidade. O foco será examinar como diferentes tradições cristãs interpretaram e reagiram ao dom ao longo dos séculos, destacando os períodos de aceitação, rejeição e renascimento do dom. Este capítulo também abordará as implicações dessas posições para a prática cristã e a percepção moderna do dom. No segundo capítulo, será dedicado a uma análise da teologia de Paulo sobre os dons espirituais, com ênfase particular no dom de línguas. Será explorado o contexto das epístolas paulinas, especialmente 1 Coríntios, para compreender como Paulo concebia os dons espirituais em relação à edificação da igreja. Serão discutidos os propósitos dos dons espirituais, a importância da diversidade de dons dentro do corpo de Cristo e como o dom de línguas se encaixa no conjunto dos dons descritos por Paulo. Por fim, no terceiro capítulo, será realizada uma análise exegética histórica e gramatical de 1 Coríntios 14:1-5. O objetivo é compreender como Paulo entendia o dom de línguas, especialmente em seu papel na edificação pessoal do cristão. A análise incluirá uma discussão sobre o significado de "edificação pessoal" no contexto paulino, explorando as implicações linguísticas e teológicas do texto. Além disso, o capítulo examinará como a prática do dom de línguas pode ser benéfica para a comunidade cristã, considerando o equilíbrio entre a edificação pessoal e coletiva.

1. PANORAMA HISTÓRICO DO USO DO DOM DE LÍNGUAS

Neste capítulo, será apresentado um panorama histórico do dom de línguas desde os primórdios do cristianismo até a atualidade. O foco será examinar como diferentes tradições cristãs interpretaram e reagiram ao dom ao longo dos séculos, destacando os períodos de aceitação, rejeição e renascimento do dom. Serão abordadas as duas principais posições teológicas: continuísmo (a crença na continuidade dos dons espirituais, incluindo o dom de línguas, até os dias de hoje) e cessacionismo (a crença de que certos dons, incluindo o dom de línguas, cessaram após o período apostólico). Este capítulo também abordará as implicações dessas posições para a prática cristã e a percepção moderna do dom.

1.1. CESSACIONISMO

O cessacionismo é uma perspectiva teológica que sustenta que certos dons espirituais, como línguas estranhas, curas e profecias, não estão mais presentes na igreja, pois suas manifestações eram destinadas ao estabelecimento das igrejas pelos apóstolos no primeiro século. Os defensores dessa posição podem ser encontrados em diversas denominações e escolas teológicas (GRUDEM, 2003, p.10 e11).

Gaffin (2003, p. 43) afirma que o foco da discussão cessacionista não está na questão de se os dons continuam hoje, mas em quais dons ainda estão presentes na igreja. Ele não nega, por exemplo, que há manifestações de curas e milagres nos dias atuais, mas questiona se os dons de operação de milagres e curas listados em 1Coríntios são concedidos para a igreja contemporânea. O argumento cessacionista é de que esses dons estão diretamente relacionados ao trabalho apostólico, sendo sinais do verdadeiro apostolado. Dessa forma, seria inviável inferir a continuidade desses dons na era pós-apostólica (GAFINN, 2003, p. 43 e 44).

No centro dessa discussão estão os dons de fala (profecia, variedade de línguas, interpretação de línguas, palavra de sabedoria e palavra de conhecimento). Grande parte dos cessacionistas admite não ser possível defender a plena cessão dos dons. No entanto, direcionam o debate para a questão salvífico-histórica da igreja e sua

apostolicidade. A igreja é um empreendimento divino, onde o próprio Deus está edificando-a sobre o fundamento dos profetas, apóstolos e Cristo. Portanto, com o fundamento uma vez lançado, não há necessidade de lançá-lo repetidas vezes. Os apóstolos e profetas pertencem ao período inicial de fundamentação da igreja, sendo, assim, ministérios temporários. Logo, tendo os apóstolos e profetas realizado seus papéis, não se fazem mais necessários; por isso, todos os dons de fala relacionados a esses ministérios cessaram (GAFINN 2003, p. 44-46).

1.1.1. O cessacionismo e o dom de línguas

O cessacionismo fundamentado nos eventos de Atos 2, vê o dom de línguas como uma manifestação que capacita um indivíduo a falar um idioma existente. Segundo esse entendimento, a palavra *glossa* indica um idioma ou código que pode ser decifrado; uma língua só pode ser interpretada se houver um código para ser decifrado. Desse modo, o dom de línguas relatado em 1Coríntios não difere do que é visto em Atos. Com isso, os defensores dessa perspectiva afirmam que o dom de línguas é o dom de falar línguas humanas e não uma experiência extática — emitir sons sem um padrão ou um código linguístico que possa ser interpretado, como é comum nos dias atuais. (SCHREINER, 2019, p. 115).

Segundo essa linha interpretativa, o argumento favorável à experiência extática é possível, mas não é convincente. O principal argumento está relacionado ao fato de que toda língua, para ser interpretada, necessita de um código para ser decifrado, uma vez que a palavra *glossa* (língua) indica um idioma, uma forma de código. As experiências atuais que reivindicam ser uma manifestação do dom de línguas são apenas sons sem sentido, vocalizações desorganizadas que não podem ser interpretadas (SCHREINER, 2019, p. 117).

MacArthur (1981, p. 153) corrobora esse entendimento, afirmando que o termo *glossa* tem como significado primário, em suas ocorrências bíblicas, um idioma humano. O termo é usado 30 vezes na Septuaginta, sempre com o significado de idioma humano. O autor destaca a ocorrência do termo no plural em Atos, indicando diversos idiomas, sugerindo uma classificação, enquanto uma fala extática é “inclassificável”. As ocorrências do termo no singular, encontradas em 1 Coríntios 14 (versículos 2, 4, 13, 14 e 19), são referência à fala inteligível usada na igreja de

Corinto. Segundo esse entendimento, toda vez que o apóstolo Paulo faz uso do termo no singular, ele está se referindo a falas inteligíveis que não estão relacionadas ao dom de línguas bíblico, exceto em 1Coríntios 14.27, em que a forma singular é usada para se referir ao dom de línguas bíblico (MACARTHUR, 1981, p. 153 e 154).

O dom de línguas bíblico é um idioma humano, uma vez que as línguas estão relacionadas ao dom de interpretação, que só pode ser realizado a partir de um código. A argumentação do apóstolo tem como objetivo corrigir uma deturpação do dom de línguas bíblico. A igreja de Corinto teria sido influenciada pelas religiões de mistério e pervertido o dom de línguas genuíno pelo uso da língua extática. Os coríntios passaram a usar o dom para falar com Deus e não com os homens, mudando o verdadeiro propósito do dom, que é edificação do outro. O cessacionismo argumenta que a afirmação de Paulo em 1 Coríntios: "Pois quem fala em uma língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; em espírito fala mistérios" — é sarcasmo e não um elogio ou recomendação, assim como 1 Coríntios 14.4: "Quem fala em língua a si mesmo se edifica, mas quem profetiza edifica a igreja" — trata-se de uma correção do entendimento sobre edificação na igreja, que estava levando ao enaltecimento do ego (MACARTHUR, 1981, p. 154-155).

Outro argumento utilizado está relacionado às línguas dos anjos (1Co 13.1) — usado pelos continuistas para defender ou validar suas experiências extáticas. Para os cessacionistas, não se deve fundamentar tais experiências nessa fala. Uma vez que a língua dos anjos não está aquém da necessidade de ser interpretada, ela deve ter algum tipo de código a ser decifrado. Além disso, ainda que exista uma língua dos anjos, não se pode afirmar com certeza, a partir do texto bíblico, que a igreja de Corinto falava nessa língua, uma vez que, provavelmente, essa expressão tenha sido usada pelo apóstolo Paulo de forma retórica (SCHREINER, 2019, p. 117,118).

O fato de Paulo ensinar que o dom de línguas, quando interpretado, é equivalente ao dom de profecia, reforça o argumento de que o dom de línguas em Atos e em 1Coríntios é o mesmo tipo de manifestação, que capacita as pessoas a falarem idiomas terrenos. O que difere nos dois livros é a situação e não a forma como o dom se manifesta. Em Atos 2, as pessoas compreendiam o que era falado porque conheciam os idiomas que estavam sendo falados. Já em 1Coríntios, não havia pessoas que conhecessem os idiomas falados. A aparente diferença de propósitos nos livros não deve ser usada como argumento para afirmar a ocorrência de diferentes

manifestações do dom de línguas. Assim como a fala profética pode ter mais de um propósito, o mesmo ocorre com o dom de línguas. É possível identificar essa característica no próprio livro de Atos, onde Cornélio, provavelmente, louvava a Deus em línguas por sua salvação (Atos 10.44-48). O próprio argumento de Paulo de que, se as pessoas entendessem as línguas, não haveria juízo (1Co 14.20-23) é prova de que a situação é que difere nos dois contextos citados e não o dom. Dessa forma, para o entendimento cessacionista, não há indícios contundentes de que as línguas em Atos e em 1 Coríntios sejam manifestações diferentes desse dom. (SCHREINER, 2019, p. 118-120).

O argumento histórico para o cessacionismo é muito importante, uma vez que a história, segundo seus defensores, documenta a cessação do dom de línguas. Além da falta de menção desse dom nos últimos livros escritos do Novo Testamento, o argumento se fundamenta na ausência de relatos da manifestação do dom de línguas na igreja nos escritos dos Pais da Igreja. Os grandes teólogos dos primeiros séculos da igreja, como Clemente de Roma, Justino Mártir, Orígenes, Crisóstomo e Agostinho — entendiam que as manifestações do dom de línguas estavam relacionadas aos primeiros dias do cristianismo. Os grupos que reivindicaram ter experimentado as manifestações do dom de línguas ao longo da história, estão quase sempre envolvidos com questões teológicas consideradas heréticas ou estranhas, isso colabora para que esses relatos de manifestações do dom sejam colocados em xeque (MACARTHUR 1981, p. 155 -156).

Diante disso, o cessacionismo afirma que o dom de línguas encontrado hoje nas igrejas não é uma manifestação do dom bíblico, mas expressões extáticas. Isso não significa que as manifestações contemporâneas sejam ruins; alguns cessacionistas chegam a afirmar que as manifestações extáticas, funcionam como uma forma de relaxamento psicológico (SCHREINER, 2019, p.121).

1.2. CONTINUÍSMO

Contra-pondo-se ao cessacionismo, existem ao menos três grupos que se posicionam a favor da continuidade dos dons na igreja contemporânea: os pentecostais, os carismáticos e a terceira onda. Essa diferenciação é importantíssima para entender o movimento continuísta (GRUDEM, 2003, p. 11). Devido ao caráter

deste trabalho, será abordado dois grupos: os pentecostais de uma forma mais abrangente e uma breve descrição dos carismáticos.

1.2.1. Os pentecostais

Os pentecostais são aqueles que têm sua origem no reavivamento de 1901, nos Estados Unidos¹. Esse movimento está fundamentado nas seguintes doutrinas: Todos os dons mencionados no Novo Testamento são válidos para a igreja de hoje; o batismo no Espírito Santo é uma experiência pós-conversão que reveste o cristão com poder e deve ser buscada por todos os crentes; o falar em línguas estranhas é evidência do batismo no Espírito (GRUDEM, 2003, p. 11).

Apesar dessa definição geral do pentecostalismo, Macchia (2024, p. 21) afirma que nem todos os pentecostais do mundo se enquadram nesses entendimentos, principalmente sobre o batismo no Espírito Santo. Por exemplo, os pentecostais unicistas entendem que o batismo no Espírito Santo está relacionado ao arrependimento e ao batismo em nome de Jesus. Alguns pentecostais chilenos e alemães veem o batismo no Espírito como regeneração, enquanto outros se alinham ao entendimento pentecostal geral ou clássico, considerando o batismo no Espírito uma experiência carismática pós-conversão.

Entretanto, mesmo havendo algumas diferenças de entendimento no movimento, muitos teólogos e escritores pentecostais concordam que a doutrina do batismo no Espírito Santo é fundamental para a experiência teológica pentecostal. O batismo no Espírito Santo é uma experiência decisiva, que transforma o relacionamento com Deus de forma drástica, revestindo os crentes com o poder Espírito por meio de Seus dons (MACCHIA, 2024, p. 22-23).

1.2.2. O pentecostalismo, o batismo no Espírito Santo e o dom de línguas

Como já visto, o batismo no Espírito Santo é uma doutrina fundamental do pentecostalismo. Essa experiência traz capacitação aos crentes por meio dos dons

¹ Uma análise mais detalhada desse acontecimento pode ser encontrada em MCGEE, Gary. (Ed.). Evidência inicial: perspectivas bíblicas e históricas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito. Natal/RN: Carisma, 2019.

do Espírito para testemunhar sobre o evangelho, proporcionando maior eficiência ao cristão na obra de Deus e evidenciando a dependência que os crentes têm de Cristo (SIQUEIRA, 2023, p. 67).

Edward Irving, um pastor do século 19, cujas crenças tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da crença pentecostal sobre as línguas como evidência física inicial do batismo no Espírito, faz uma distinção clara entre as duas dimensões do batismo cristão: regeneração e batismo no Espírito. Para Irving, a regeneração, que inclui perdão de pecados e a união com Cristo, pode existir na vida do cristão sem que ele tenha recebido o batismo no Espírito. No entanto, essa condição torna a vida cristã deficiente, uma vez que o batismo no Espírito aumentaria a capacidade de santificação na vida do crente (MCGEE, 2019, p. 71-73).

Outras escolas teológicas, como a reformada e a luterana, tendem a ver o batismo no Espírito Santo como sinônimo da conversão, fundamentadas principalmente no texto de Paulo em 1 Coríntios 12.13: "Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito." (SIQUEIRA, 2023, p. 68).

No entanto, para Siqueira (2023, p. 68-69), essa interpretação desconsidera a ocorrência da expressão "batismo no Espírito" em outros textos do Novo Testamento (Mateus 3.11; Marcos 1.8; Lucas 3.16; João 1.33; Atos 1.5). Diante disso, para o autor, surge uma questão interpretativa: os textos encontrados nos Evangelhos e em Atos devem ser interpretados a partir do entendimento de Paulo em 1 Coríntios? Os pentecostais entendem que não, uma vez que os autores estão registrando manifestações diferentes que não se contradizem, mas se complementam:

Os evangelistas não devem ser lidos segundo a medida de Paulo, especialmente quando o entendimento deles é diferente, embora complementar. De maneira constante os protestantes têm caído na tentação de criar um cânon dentro do cânon. Os mais conservadores fazem isso com as epístolas paulinas (o que podemos chamar de "paulinização" do Novo Testamento), enquanto os progressistas tendem a fazer o mesmo com os evangelhos (SIQUEIRA, 2023, p. 68-69).

Considerando cuidadosamente cada autor em seu devido contexto, pode-se afirmar que o batismo no Espírito Santo diz respeito tanto à salvação quanto a receber

poder. O entendimento de que o batismo no Espírito é uma experiência semelhante à conversão ou uma segunda bênção tem sido deixado de lado há muitos anos:

A experiência pós-conversão de ser batizado no Espírito é uma obra do Espírito distinta daquela da Regeneração, mas não implica que a salvação seja um processo em duas etapas. O batismo no Espírito é um dom, mas não é apropriado chamar de “uma segunda obra da graça”. Tal linguagem implica que um crente não pode ter experiência da graça de Deus entre a fé inicial em Cristo e o enchimento inicial do Espírito. [...] Essa obra distinta de pós conversão do Espírito não regula outras experiências do espírito que possam procedê-la ou segui-la (PALMA, 2002, p. 50-51, *apud* SIQUEIRA, 2023, p. 73-74).

Macchia (2024, p. 83-84) vê a experiência pentecostal do batismo no Espírito Santo como uma liberação da vida do cristão para desfrutar da vida do Espírito, que já habita nele. Essa experiência faz com que o crente amadureça e experimente o poder do Espírito. O autor destaca o entendimento de Palma sobre isso:

O Espírito Santo opera no interior de uma pessoa que se arrepende e crê para realizar o novo nascimento. Ele não se afasta posteriormente do crente para voltar em outro momento de renovação. Alguns se confundem por conta das imagens que o Novo Testamento usa, tais como: “batizados em”, “derramado”, “cair sobre alguém”, “vir sobre alguém”. Mas tudo isso não passa de figura de linguagem concreta para retratar uma experiência impactante do Espírito que já nos habita. Por isso alguns chamam isso de “liberação” do Espírito que já habita na pessoa. (PALMA, 2005, Spirit baptism: before and after, journal 10:1, p. 94, *apud* MACCHIA, 2024, p. 84).

O batismo no Espírito é uma metáfora completa e abrangente em seu sentido no Novo Testamento. A metáfora está relacionada ao juízo (Mateus 3.11-17). A igreja participa do batismo por meio do arrependimento, da fé, do batismo nas águas, da ceia, da comunhão e do poder que recebe do Espírito para testemunhar (MACCHIA, 2024, p. 95).

Os pontos de tensão nessa doutrina estão relacionados à ênfase dos autores bíblicos, especialmente Paulo e Lucas. A ênfase de Paulo está no batismo no Espírito como uma iniciação na fé, inserindo o cristão no corpo de Cristo; Lucas, por sua vez, enfatiza o poder do Espírito que vem da fé (MACCHIA, 2024, p. 95).

Keener (2018, p. 169) afirma que o Novo Testamento ensina tanto o recebimento do Espírito na conversão quanto um revestimento de poder posterior à conversão. Os que enfatizam as afirmações teológicas de Paulo acreditam que o batismo no Espírito está relacionado à salvação; os que enfatizam as narrativas

bíblicas, como as de Lucas-Atos, veem no revestimento de poder, o batismo no Espírito.

Textos do Novo Testamento evidenciam que a obra do Espírito não se limita à salvação ou a uma experiência posterior, mas a experiências posteriores (At 2.4; 8.15,16; 9.17; 4.8,31; 13.9). A obra de Cristo está completa e todos os benefícios dela já estão disponíveis para cada crente. No entanto, o fato de todos os benefícios estarem disponíveis não significa que todo cristão tenha tomado posse deles. Essa verdade pode ser exemplificada em outros temas bíblicos. Paulo enfatiza que todo cristão morre para o pecado na conversão; ainda assim, é necessário que cada cristão se firme e cresça nessa verdade a cada dia (KEENER, 2018, p.169, 170).

A relação entre o batismo no Espírito e o dom de línguas tem sido um tema de destaque na teologia pentecostal. A manifestação do dom de línguas tem sido vista pela maioria dos pentecostais como uma evidência do batismo no Espírito. No entanto, mesmo entre eles, a relação entre o dom e o batismo tem sido considerada de formas diferentes e sofreu diversas variações ao longo da história. Muitos entendem que não se pode reconhecer que alguém foi batizado no Espírito se não houve a manifestação do dom de línguas. Outros acreditam que o dom poderia se manifestar algum tempo depois do batismo no Espírito. O dom de línguas como evidência inicial tende a ser aceito com maior vigor e inflexibilidade nas denominações pentecostais brancas dos Estados Unidos. Em outros campos, o entendimento sobre o assunto tem variações (MACCHIA, 2024, p. 38-40).

Existe ainda uma diferenciação feita pela teologia pentecostal que possibilita ver as línguas como um sinal e como um dom. Como sinal, todos que foram batizados no Espírito o manifestam, tendo como objetivo principal apontar para a evangelização das nações. Como dom, sua manifestação é restrita a alguns cristãos, conforme o Espírito assim concede.

Keener (2018, p. 208) afirma que Lucas demonstrou que Deus equipou, em diversas ocasiões, os crentes da igreja primitiva para profetizar a outros povos e os capacitou a falar outras línguas, e que Ele ainda pode fazer isso nos dias atuais. No entanto, Lucas não ensinou isso como um padrão que deveria ser visto em todos os cristãos. O autor continua:

O dom de línguas é um dom excelente e útil para a oração, mas não devemos nos atrever a declarar que alguns cristãos carecem de capacitação especial do Espírito simplesmente por que não oram em línguas (KEENER, 2018, p. 208).

Carson (2013, p. 162) entende que há apoio bíblico suficiente para afirmar que, por mais que todo verdadeiro crente tenha recebido o Espírito Santo e tenha sido batizado no Espírito, o Espírito não foi derramado de forma igual em cada cristão. Ele afirma:

Apesar de não encontrar apoio bíblico para a teologia da segunda bênção, encontro apoio para uma teologia da segunda, terceira, quarta ou quinta bênção. Apesar de não ver nenhum χάρισμα (charisma) estabelecido bíblicamente como critério para um segundo revestimento do Espírito, vejo que existem níveis de unção, bênção, serviço e alegria santa junto a outros dons mais celebrados atualmente, associados àqueles cujos corações foram tocados especialmente pelo soberano Deus. Embora eu ache extremamente perigoso buscar uma segunda bênção que seja atestada pelo falar em línguas, também acho que não anelar profundamente por Deus seja algo tão perigoso quanto isso, tornando-se satisfeito com um cristianismo meramente teórico que seja seguro, mas também complacente; ortodoxo, mas também engessado; sensato, mas também adormecido (Ibid., p. 162).

Siqueira (2023, p. 118) vê o dom de línguas como o dom mais controverso da espiritualidade pentecostal. Muitas dessas controvérsias estão relacionadas ao entendimento pentecostal sobre esse dom e sua relação com o batismo no Espírito, e também a uma supervalorização do dom por grande parte das igrejas pentecostais contemporâneas, deixando o cenário atual muito parecido com a igreja de Corinto. O que torna extremamente necessária uma análise bíblica e equilibrada sobre o dom de línguas na atualidade.

1.2.3. Carismáticos

Os carismáticos não são um movimento uniforme; há diferentes posições quanto ao batismo no Espírito e o falar em línguas. Os carismáticos têm evitado criar novas denominações, pois se veem como um instrumento de renovação espiritual dentro de igrejas tradicionais protestantes e católicas (GRUDEM, 2003, p.11)

O movimento carismático foi fortemente influenciado pelo pentecostalismo, que alcançou membros de igrejas protestantes históricas, como, por exemplo, igrejas batistas. Esse movimento começou entre os anos 1955 e 1960, tendo como maior

evento incentivador o anúncio de púlpito, em abril de 1960, do rev. Dennis Bennett, da Igreja Episcopal de São Marcos, de que ele havia falado em línguas estranhas. Esse evento ocasionou grandes desdobramentos, sendo considerado o início do movimento de renovação carismática nas igrejas históricas, com grande ênfase sobre os dons do Espírito, principalmente o dom de línguas (GROMACKI, 1972, p. 39).

A principal diferenciação entre pentecostais e carismáticos é a aceitação do dom de línguas como um sinal que deve sempre acompanhar o batismo no Espírito. Para os carismáticos o Fruto do Espírito é o principal e mais claro sinal de que uma pessoa recebeu o Espírito. O fato de que no livro Atos o dom de línguas sempre acompanha a primeira ocasião em que o crente é enchido com Espírito não torna essa experiência normativa, uma vez que não é possível comprovar isso no livro (KEENER, 2018, p. 203-205).

1.3. DEFINIÇÃO DA EXPRESSÃO ΓΛΩΣΣΑΙΣ ΛΑΛΕΙΝ (*GLÖSSAIS LALEIN*, FALAR EM LÍNGUAS)

Definir o significado dessa expressão é crucial para a compreensão bíblica do dom de línguas. Considerando a complexidade do tema, essa seção não pretende esgotar o assunto nem apresentar uma discussão ampla sobre as diversas interpretações possíveis, mas visa introduzir o tema ao leitor e apresentar sua complexidade.

Uma questão importante a ser levantada, especificamente no contexto de 1 Coríntios, é se o dom de línguas era extático. Carson (2013, p. 79) apresenta uma definição de extático: “Em êxtase, há uma condição de exaltação emocional, na qual a pessoa que experimenta está mais ou menos inconsciente do mundo à sua volta e, até certo ponto, perde sua autoconsciência e sua capacidade de pensamento racional e autocontrole”. Com base nessa definição, os cessacionistas argumentam que o êxtase caracteriza as manifestações contemporâneas, nas quais sons não articulados são apresentados, o que, para eles, não representa o dom de línguas nas escrituras. Por outro lado, os contínuistas não costumam definir essas manifestações como extáticas, visto que suas experiências são sempre caracterizadas pelo autocontrole, o que está de acordo com o que o apóstolo Paulo ensina (CARSON, 2013, p.80).

Outra questão igualmente importante é se as línguas são idiomas existentes, humanos ou não (língua dos anjos). A maioria dos que se posicionam como continuísta entende que o falar em línguas ocorre a partir de uma manifestação do Espírito que capacita o crente a falar um idioma existente desconhecido ao falante, em que há uma mensagem sendo transmitida. No entanto, há uma parcela deles que, influenciada por análises linguísticas das manifestações do dom na atualidade, alegam que tanto as manifestações das línguas em 1Coríntios, quanto as atuais, não são idiomas existentes. Outros creem que as línguas podem se manifestar em idiomas existentes ou não (CARSON, 2013, p.80 e 81).

Os significados das palavras *glōssa* e *lalein* são importantes nessa equação. O termo *glōssa*, nos léxicos padrão da língua grega, nunca está relacionado a sons vocálicos que não são cognitivos. A fala pode ser de difícil compreensão ou incompreensível, mas nunca não cognitiva. Quanto ao verbo *lalein*, apesar de alguns estudiosos relacioná-lo a um significado antigo que indica um discurso sem conteúdo cognitivo, o uso do verbo pelo apóstolo Paulo em 1Coríntios 14.19 se referindo ao falar com a mente, sugere um discurso inteligível, o que impossibilita a tentativa de restringir seu significado a uma fala ou discurso ininteligível. O uso do verbo ainda pode ser visto relacionado à profecia, um dom que é inteligível (1Coríntios 14.29), e ainda na passagem onde a mulher faz perguntas na congregação (1Coríntios 14.34,35) possivelmente em uma língua inteligível (CARSON, 2013, p. 82-85).

Dessa forma, as evidências indicam que Paulo compreendia o falar em línguas como um dom que capacitava os crentes a falar em um idioma existente, seja de homens ou de anjos. Essa conclusão, no entanto, coloca a autenticidade das atuais manifestações do dom em foco, uma vez que pesquisas recentes indicam que essas manifestações não contêm características estruturais e padrões exigidos por um idioma humano. Pesquisadores notaram ainda que o dom de línguas contemporâneo recebe influências do idioma natural do falante, além do discurso da liderança que o guiou a tal prática. Essas evidências levaram muitos cristãos a concluir que nenhum dom de línguas apresentado atualmente é bíblicamente válido (CARSON, 2013, p. 85-87).

Carson (2013, p.87), no entanto, indica que há um argumento possível, que é coerente com o que é apresentado nos documentos bíblicos, e ainda assim, valida algumas manifestações atuais, mas que tem sido frequentemente ignorado. O autor

afirma que: “existem padrões de fala suficientemente complexos a ponto de poderem carregar todos os tipos de informação cognitiva em algum tipo de ordem codificada, ainda que linguisticamente esses padrões não sejam identificáveis como idioma humano”. Carson considera, em seu argumento, a descrição linguística de Poythress sobre glossolalia:

Vocalização livre (glossolalia) ocorre quando: (1) um ser humano produz uma sequência relacionada de sons pronunciados; (2) não consegue identificar a sequência de som como pertencente a nenhuma língua natural que ele já saiba falar; (3) não consegue identificar e dar o significado das palavras ou morfemas (unidade lexicais mínimas); (4) no caso de falas com mais do que poucas sílabas, ele tipicamente não conseguiria repetir a mesma sequência de sons se lhe pedissem isso; (5) um ouvinte ingênuo pode supor que seja um idioma desconhecido (POYTHRESS, “The Nature of Corinthian Glossolalia: Possible Options”, *Westminster Theological Journal* 40, 1977, p. 13, *apud* CARSON, 2013, p. 87).²

Dessa forma, o fato de as manifestações das línguas atuais serem desconhecidas pelos pesquisadores não significa que elas não sejam idiomas existentes, mas que os códigos sejam desconhecidos. Carson afirma:

As línguas podem carregar informação cognitiva mesmo sem ser um idioma humano conhecido — assim como a linguagem de um programa de computador possui uma grande quantidade de informação, ainda que não seja uma língua realmente falada por alguém. Tal padrão de verbalização não poderia ser desprezado de forma legítima como se fosse uma linguagem sem nexos (Ibid., p. 88).

Essa linha de argumentação pode encontrar fundamentação na filosofia da linguagem. Na análise filosófica da linguagem, é possível encontrar diversas formas de linguagem e expressão; dentre essas, encontram-se formas de expressão que não estão associadas diretamente a um signo. Isso significa que há uma espécie de linguagem que não se enquadra nos padrões de uma linguagem inteligível. O falar em línguas em 1 Coríntios pode ser visto a partir desse entendimento, como um “gesto”, que comunica algo e confirma uma realidade divina (SMITH, 2020, p. 186-196)

Essa interpretação foca não no que a oração em línguas quer dizer, mas no que ela pode realizar. A pessoa que ora em línguas está orando a Deus, expressando seu desejo de uma forma inexprimível (Romanos 8.26). A intenção não está em

² Uma análise mais detalhada do argumento pode ser encontrada em: CARSON, D.A. *A manifestação do Espírito: a Contemporaneidade dos dons a luz de 1Coríntios 12–14*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 87-90.

comunicar algo, mas sim em deixar clara sua dependência de Deus e de seu Espírito. A oração em línguas, então, torna-se uma forma de esvaziamento, em que quem ora reconhece sua incapacidade e total dependência diante de Deus, onde até mesmo as palavras são insuficientes para se expressar (SMITH, 2020, p. 208, 209).

1.4. O ARGUMENTO HISTÓRICO

Existem argumentos fundamentados na historiografia, usados tanto por continuístas, que buscam amparar a continuidade dos dons, como por cessacionistas, que buscam respaldar suas afirmações sobre o fim dos dons espirituais, destacando o dom de línguas, desde os primórdios da igreja. No entanto, na ânsia de provarem seus argumentos, os dois grupos tendem a cometer erros consideráveis. Para Carson (2013, p. 167), a reconstrução histórica dos cessacionistas, que assume que há relatos de manifestações estranhas, mas liga esses acontecimentos a grupos hereges e sectários, é falha e pode estar sendo construída a partir de seus pressupostos:

Dessa forma, um não carismático termina seu estudo, tanto da Bíblia quanto da história da igreja, com estas palavras: “concluimos citando Paulo, que disse: havendo línguas, silenciaram (1Co 13.8). De fato, elas silenciaram”. Há muitas peças faltando na reconstrução histórica, deixando-nos temerosos de que os relatos têm sido trabalhados (ou mal trabalhados), com base em um forte comprometimento com uma conclusão predeterminada (CARSON, 2013, pg. 167).

Da mesma forma, os estudos históricos que apoiam a continuidade dos dons costumam utilizar os mesmos acontecimentos para afirmar que os dons sempre estiveram presentes em determinados grupos da igreja. Porém, desconsideram algumas mudanças doutrinárias encontradas em alguns desses grupos, fazendo uma análise forçada, não levando em conta, de forma justa, a dimensão, regularidade, teologia e importância dos grupos-alvo dos estudos. Apesar dessas dificuldades, é possível encontrar estudos bons e imparciais (CARSON, 2013, p.167-168).

O fato é que manifestações como as de línguas estranhas e profecia são frequentes no cristianismo, e há evidências históricas suficientes de que os dons estavam presentes ao longo da história da igreja. Como Carson (2013, p.168) afirma: “é inútil insistir, baseado em doutrinas, que todo relato é espúrio ou fruto de atividade demoníaca ou aberração psicológica”.

É possível observar, no decorrer da história relatos de manifestações dos dons espirituais, desde os primórdios do cristianismo até os tempos modernos. Já no século II, documentos importantes, como *Didaquê* e *O pastor*, de Hermas, fazem diferenciação entre a profecia verdadeira e a falsa, não faria sentido essa diferenciação se a profecia tivesse acabado. O Bispo Hipólito (160-235) afirma que o reconhecimento de alguém que diz ter recebido o dom de cura deve ser feito após demonstrações práticas; outra vez, esse tipo de argumentação não faria sentido se o bispo acreditasse que o dom de cura já não existisse (SIQUEIRA, 2023, p.135).

Na Idade Média, há diversos registros de manifestações sobrenaturais dos dons. É possível encontrar relatos sobre curas, exorcismos, visões, profecias, revelações e êxtases. Nomes como o papa Gregório I (540-604), Bento de Núrsia (450-547), Simão, O Novo Teólogo (949-1022), o monge inglês Richard Rolle (1300-1349) e Catarina de Siena (1347-1380), estão intimamente relacionados a essas manifestações sobrenaturais (SIQUEIRA, 2023, p. 136, 137).

A Idade Moderna não é uma exceção quando o assunto é a manifestação de dons sobrenaturais. Tereza de Ávila (1515-1582) e João da Cruz (1542-1591) são alguns dos nomes que tiveram experiências sobrenaturais. O reformador Martinho Lutero manifestou-se contra a ênfase em milagres dada pela igreja, mas isso não implica em dizer que Lutero era contra as manifestações sobrenaturais ou que ele acreditava na cessação dos dons sobrenaturais (SIQUEIRA, 2023, p.136).

É evidente que os cristãos dos primeiros séculos viam a ação do Espírito, por meio do batismo no Espírito e dos dons, como parte vital para uma vida cristã legítima e saudável. Ambrósio de Milão (340-397 d.C.), afirma que o Espírito é quem traz a vida de Deus àquele que o recebe, trazendo santidade, pureza e conformidade à imagem de Cristo. Cirilo de Jerusalém (315-386 d.C.) vê o recebimento do Espírito como uma capacitação para a vida cristã. Basílio de Capadócia (329-379 d.C.), entende que essa ação do Espírito se dá por meio dos dons divinos, visando à edificação mútua. Gregório de Nazianzo (330-389 d.C.) afirma que os que recebem o batismo no Espírito são capacitados a abrirem suas bocas e falar mistérios divinos, palavras de sabedoria e conhecimento divino. Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) combate o ensino de que o dom de línguas deveria ser um sinal externo do batismo no Espírito. No entanto, fica claro que o bispo não rejeita os dons do Espírito, pois faz

relatos positivos de muitos milagres e curas divinas em sua congregação (BURGESS, 2019, p. 26, 27, 30).

Dentro desse contexto, nasce o movimento dos dualistas radicais. Um grupo que acreditava em dois poderes divinos, o bem e o mal, que estavam em conflito entre si. Viam o mundo físico como uma prisão; cada pessoa deveria libertar sua alma a partir de um determinado estilo de vida que rejeitava tudo o que era proveniente do mundo material, levando-os a rejeitar o mundo, a própria igreja e os incrédulos. Os dualistas rejeitaram a doutrina da encarnação de Cristo, a morte e a ressurreição de Cristo, assim como os sacramentos da igreja (BURGESS, 2019, p. 31, 32).

Dentre os dualistas, alguns grupos se destacam. Os gnósticos cristãos, o primeiro grupo a fazer uma diferenciação entre o batismo na água e no Espírito, criam que os dons do Espírito são alcançados por aqueles que receberam a gnosis, um conhecimento especial. Os montanistas são outro grupo de destaque entre os dualistas. Seu fundador foi Montano, um sacerdote pagão convertido ao cristianismo, que alegava ter sido possuído pelo Espírito e profetizava em uma espécie de êxtase. Viviam uma vida ascética severa, gerando um exclusivismo inflexível. O batismo no Espírito era evidenciado por suas próprias expressões proféticas. Apesar de alguns pentecostais relacionarem esse movimento com o dom de línguas, devido a Eusébio ter relatado que Montano balbuciava e falava coisas estranhas, não fica evidente que o dom de línguas teve um papel real no montanismo. O testemunho de Eusébio poderia estar se referindo a profecias que pareceram estranhas (BURGESS, 2019, p. 33, 34)

Os dons espirituais foram amplamente utilizados na igreja ocidental da idade média. No entanto, havia entre os teólogos um entendimento comum de que, nem todos os crentes experimentariam desses dons. Certamente, o dom de línguas foi exercido nesse contexto, sejam idiomas conhecidos ou desconhecidos, assim como dons de conhecimento e discernimento, cura e profecia. Homens e mulheres que tiveram o exercício desses dons reconhecidos pela Igreja, receberam um papel proeminente, e muitos deles foram considerados santos. Porém, tais dons nunca foram vistos como evidência do batismo no Espírito (BURGESS, 2019, p. 42).

Entre esses, pode-se destacar nomes como, Hildegarda de Bingen (1098-1179) líder do convento de Bingen, é reconhecida por ter exercido muitos dons espirituais, dentre os quais se destaca cantar em línguas desconhecidas. Joaquim de

Fiore (1130-1202) vê o batismo no Espírito como a capacitação do crente para uma vida de crescimento no conhecimento da verdade e santidade, possível a partir dos dons espirituais recebidos diretamente do Espírito. Em seu entendimento, a Igreja se tornará verdadeiramente espiritual por meio da ação do Espírito, levando seus membros a perfeição através do exercício dos dons espirituais em cada crente, visando a edificação e o bem de todos (BURGESS, 2019, 42, 43, 46).

Na era da Reforma, a ênfase recai sobre as Escrituras, com Lutero e Calvino ressaltando o papel imprescindível do Espírito Santo na Justificação. Martinho Lutero (1483-1546) traça um paralelo entre o Pentecostes e a proclamação da Palavra. Para Lutero, o derramamento do Espírito no Pentecostes libertou os discípulos, capacitando-os e estimulando-os a pregar Cristo. Agora, na Igreja pós-Pentecostes, o Espírito, por meio da Palavra, chama, santifica e preserva seus discípulos. Lutero afirmou que Paulo não proibiu o falar em línguas (para Lutero o falar em línguas estava relacionado a pregar, ler e ensinar em outro idioma), desde que acompanhado de interpretação. Porém, em seu tempo, o dom de línguas já não era necessário, uma vez que o cristianismo já não precisava de uma validação por sinais. Para Calvino (1509-1564), as línguas proporcionaram, de forma eficiente, a pregação do evangelho em línguas estrangeiras no Novo Testamento. No entanto, devido ao interesse egoísta dos homens em Corinto, houve a corrupção desse dom, o que levou Deus a remover essas expressões da Igreja. Segundo Calvino, os dons não visíveis permanecem na Igreja (palavra de conhecimento, palavra de sabedoria e o discernimento de espíritos), no entanto, o mais importante é o testemunho interno do Espírito que convence os cristãos a obedecer à Palavra (BURGESS, 2019, p. 49-52).

Entretanto, o entendimento de Lutero e Calvino não era unânime, e adeptos do movimento conhecido como Reforma Radical enfatizaram as manifestações sobrenaturais como parte crucial do ministério do Espírito. Em parte desses movimentos, a glossolalia surge, mas ela permaneceu eventual, tendo a profecia e a voz interior como evidências esperadas (BURGESS, 2019, p. 52).

No século XVII, diversos grupos se desenvolvem com uma forte ênfase na obra do Espírito Santo, sem o qual a Igreja “não passa de um cadáver”, sendo Ele responsável por revelar a verdade do que diz respeito a todos os aspectos da vida cristã. Entre esses grupos estão, Os Quakers, fundados por George Fox (1624-1690), a principal doutrina dos Quakers era a luz interior, na qual o Espírito fala à mente

humana. Há registros de visões, curas e profecias entre eles; as línguas são frequentemente registradas, mas, desencorajado pelo seu líder (BURGESS, 2019, 52, 53).

No século XVIII, nomes como Isaac Watts, Jonathan Edwards e John Wesley, tiveram um papel importante dentro do Primeiro Grande Despertamento, que, por sua vez, é de extrema importância para o entendimento carismático-pentecostal contemporâneo. Isaac Watts (1674-1748) entendia que o papel do dom do Espírito é santificar e capacitar o crente, outorgando-lhe poder para vencer a natureza pecaminosa. Jonathan Edwards (1703-1758), é considerado o teólogo mais importante do primeiro grande despertar. Edwards foi um forte crítico dos dois principais grupos de sua época: os racionalistas e entusiastas. Seu principal argumento era a necessidade de separar as verdadeiras obras do Espírito das falsas. Para ele, sinais visíveis como “lagrimas, tremores, gritos e gemidos” não eram indicadores confiáveis da verdadeira obra do Espírito, mas sim quando Jesus era exaltado, Sua palavra amada e considerada, e o amor a Deus e ao próximo comprovado. John Wesley (1703-1791) deu início a uma doutrina do Espírito incomum no movimento protestante ao qual estava inserido — a consciência da pessoa e do poder do Espírito Santo presente em toda experiência humana — um entendimento ímpar na teologia ocidental da época, mas com muitas semelhanças na pneumatologia oriental. Wesley admitiu que o dom de línguas foi testemunhado em sua época e de igual forma em outros momentos da história da igreja no decorrer dos séculos pós-apostólicos, mas, não reconhecia esse dom como evidência visível da presença do Espírito (BURGESS, 2019, p. 55-59).

No século XIX, nasce o movimento Irvingitas, liderado pelo pastor presbiteriano escocês Edward Irving (1792-1834). Irving acreditava que o Espírito Santo tinha deixado a igreja por conta própria e esperava uma restauração dos dons espirituais. Ele estabeleceu grupos de oração com o objetivo de clamar pelo derramamento do Espírito. Em 1830, seus membros começaram a experimentar dos dons, principalmente o dom de línguas, e em 1831 os dons já faziam parte da adoração na maioria das igrejas dirigidas por Irving. Ele afirmou que o dom de línguas “era o sinal permanente da presença do Espírito”, uma crença Irvingita que se tornaria referência para o amadurecimento do conceito pentecostal das línguas como evidência física inicial do batismo no Espírito. Ainda no século 19 surge o movimento Holiness, tendo

como um dos principais pregadores de sua mensagem, Phoebe Palmer. O principal ensino estava na ênfase de uma segunda experiência normativa que chamavam de segunda bênção ou batismo com o Espírito Santo; essa segunda experiência capacitava o cristão com poder para realizar a obra de forma eficaz (BURGESS, 2019, p.61-63).

O século XX foi o berço do pentecostalismo moderno, que, influenciado por homens como Edward Irving e Phoebe Palmer se desenvolveu e se solidificou, tornando-se o maior movimento evangélico do século. Wilhelm Seymour talvez tenha sido o principal precursor desse momento inicial e fundamental do pentecostalismo. Sua pregação inicial se concentrava em ensinar que o falar em línguas era a evidência bíblica do batismo com o Espírito Santo. Juntamente com o entendimento da evidência inicial, o batismo no Espírito era entendido como uma capacitação sobrenatural para evangelização do mundo. Os ensinamentos de Seymour deram início ao histórico avivamento da Rua Azuza, onde há relatos de manifestações sobrenaturais em cultos que duravam dias, com forte ênfase no dom de línguas (ROBECK, 2019, p. 110-115).

Diante desse breve panorama histórico, pode-se aferir que os dons espirituais, em especial o dom de línguas, sempre estiveram presentes na Igreja. Essas manifestações estão quase sempre ligadas a pequenos grupos da igreja que, muitas vezes, eram marginalizados. Por vezes, a ênfase no dom como um sinal normativo do batismo no espírito ou como evidência de quem eram os verdadeiros espirituais trouxe divisão à Igreja e fez com que muitos caminhassem no terreno perigoso da heresia.

No entanto, os erros cometidos por esses movimentos não podem legitimar o argumento daqueles que buscam anular as reivindicações das manifestações dos dons sobrenaturais e, principalmente, do falar em línguas hoje, uma vez que argumentos históricos não podem ser vistos como normativos para a fé cristã, que tem a Escritura como norma. E, conforme afirma Carson (2013, p. 185), exegeticamente, o entendimento pentecostal-carismático está correto em afirmar que todos os dons, incluindo aqueles considerados extraordinários, não foram retirados permanentemente. Não há, portanto, “nenhum impedimento exegético ou teológico para reconhecer a existência contínua do dom de línguas”. Diante dessa afirmação, o restante desse trabalho será dedicado a entender a posição do apóstolo Paulo em

sua teologia sobre os dons na carta aos Coríntios, enfatizando o dom de línguas e seu papel na edificação pessoal.

2. O ENTENDIMENTO DO APÓSTOLO PAULO SOBRE OS DONS ESPIRITUAIS EM 1 CORÍNTIOS

Este capítulo será dedicado a uma análise da teologia de Paulo sobre os dons espirituais, com ênfase particular no dom de línguas. Será explorado o contexto das epístolas paulinas, especialmente 1 Coríntios, para compreender como Paulo concebia os dons espirituais em relação à edificação da igreja. Serão discutidos os propósitos dos dons espirituais, a importância da diversidade de dons dentro do corpo de Cristo e como o dom de línguas se encaixa no conjunto dos dons descritos por Paulo.

2.1. DEFINIÇÃO DE DONS ESPIRITUAIS

O principal termo grego usado pelo apóstolo Paulo para “dom” é *χάρισμα* (*charisma*), que aparece nos escritos dezesseis vezes; o termo é da mesma origem que *χάρις*, “graça”. (CARSON, 2013, p. 21). Pode ser entendido como um resultado de *χάρις*, uma ação que resulta em um favor ou benefício (KITTEL, 2013 vol.2, p. 713). Não é um termo técnico que restringe seu uso principalmente a manifestações sobrenaturais, mas pode se referir a casamento, celibato, encorajamento e generosidade (CARSON, 2013, p. 22). Storms (2014, p.11) define o dom espiritual como uma manifestação do Espírito Santo e seu poder para dirigir a igreja de acordo com seu propósito para o fim que Ele estabeleceu.

Carson (2013, p. 24 e 25) afirma que, no contexto da primeira carta aos Coríntios, Paulo, diante da questão sobre o que é espiritual, faz uma mudança de termos— de *πνευματικόν* para *χάρισμα* — destacando a “graça” (*χάρις*) como o que dá origem a qualquer tipo de manifestação espiritual.

2.2. A TEOLOGIA DOS DONS ESPIRITUAIS EM 1 CORÍNTIOS

Segundo Dunn (2003, pg. 624, 625), o *charisma* é um termo central para entender a teologia do apóstolo Paulo. O apóstolo relaciona de forma intrínseca os dons espirituais e o corpo de Cristo, a igreja,

A palavra-chave nas duas cartas paulinas incontestadas é *charisma*, “*carisma*”. Este é outro caso de uma palavra que tinha pouca significação até que Paulo a tomou, a transformou pelo seu uso e lhe deu o status de termo técnico da teologia cristã. De fato, seu caráter paulino é mais forte que o de quase qualquer outro termo paulino. Praticamente não é atestada antes de Paulo e os exemplos de uso secular são todos muito posteriores a Paulo (DUNN, 2003 p. 625).

Para Paulo, a saúde espiritual da igreja está diretamente relacionada aos dons. Eles são concedidos graciosamente pelo Espírito, para que cada crente seja capacitado a exercer sua função no corpo de Cristo (1Corintíós 12.15-26). Se cada cristão não cumprir sua função por meio dos dons espirituais concedidos pelo Espírito, essa postura acarretará prejuízos para todo o corpo. Mas, se cada membro agir de acordo com sua capacidade, seu dom, todo o corpo será beneficiado (KEENER, 2018, p. 114). Dunn (2003, p. 627) afirma que a metáfora do corpo é utilizada para exemplificar a unidade da igreja e demonstrar a dependência mútua entre os cristãos. Ser participante desse corpo significa, estar ativo. Assim como cada órgão de um corpo tem uma função para mantê-lo, cada membro do corpo místico de Cristo, a igreja, deve “funcionar” a partir do seu dom recebido do Espírito.

Esse entendimento de que os dons são essenciais para a igreja como corpo de Cristo pode ser identificado em outros escritos do apóstolo, como:

Rm 12:4-8: "Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros. Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria." (NVI)

E ainda:

Ef 4:7-8, 11-13: "E a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo. Por isso é que foi dito: "Quando ele subiu em triunfo às alturas, levou cativo muitos prisioneiros, e deu dons aos homens". ... E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo." (NVI)

O apóstolo Paulo frisa a diversidade dos dons em seus textos, dons esses que são distribuídos pelo Espírito, que os distribui e aperfeiçoa. Essas múltiplas manifestações do Espírito buscam beneficiar a todos. É possível identificar nos textos que lidam com as listas de dons (1Corintíós 12.8-11; 1Corintíós 12.28; Romanos 12.6-8; Efésios 4.11 e 1Pedro 4.11) que elas não são listas exaustivas, incluindo não somente os dons considerados sobrenaturais, mas também dons naturais, sendo todos e estes realizados pelo poder de Deus (CARSON, 2013, pg. 22). Fee (2019, p.737) afirma que a diversidade dos dons remete à própria Trindade, enfatizando, através dos diferentes tipos de dons, cada pessoa da Trindade. Ele ainda destaca que a unidade é essencial para a vida em comunidade, o que fica evidenciado pelo uso da imagem de um corpo e as diferentes partes que o formam. Sem essa diversidade, não há corpo, mas, de acordo com Fee, uma monstruosidade.

Gorman (2022, p. 427 e 428), inclui na discussão a importância do senhorio de Cristo. Quem não está debaixo desse senhorio não pode ser reconhecido como alguém do Espírito. Sendo a imagem do corpo usada para descrever uma comunidade de pessoas - a igreja - que estão debaixo do senhorio de Cristo, e que se faz presente no mundo por meio de pessoas que são capacitadas pelo Espírito e batizadas nele.

Para Grudem (1999, p. 861), o entendimento de Paulo sobre os dons está diretamente relacionado à volta de Cristo. Os dons são uma capacitação do Espírito para que a igreja persevere na vida cristã, até que Cristo venha buscar sua noiva. A vida de cada cristão está no centro da teologia de Paulo, seja a vida individual ou a vida em comunidade. É por meio da vida cristã que Deus é glorificado e realiza sua vontade, sendo que o próprio Deus age na vida dos cristãos. O cristão agora fundamenta sua vida na vida de Cristo, como se vê em Gálatas 2.20: “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (MARSHALL, 2007, p. 391). O cristão se coloca debaixo do senhorio de Cristo, entregando-se de mente, coração e alma. Então, o Espírito Santo o capacita de forma sobrenatural para que ele manifeste o dom, por meio de todos os aspectos de sua vida (LIM, 1996, p. 469, 470).

A forma de Deus agir está diretamente relacionada à ação do Espírito Santo, que transforma, por meio do seu poder o caráter e a personalidade dos crentes. O próprio Espírito é um dom de Deus (1Corintíós 2.12; Galatas 3.2, 14; 4.6; 1Tessalonicenses 4.8). Por meio do agir poderoso do Espírito, os crentes recebem as

características, habilidades e a vivência que os caracterizam como povo de Deus. Essas características podem ser exemplificadas na descrição que Paulo faz do fruto do Espírito em Gálatas 5.22,23: "Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei." Essa ação de Deus, por meio do Espírito, na vida da igreja, é expressa nos dons espirituais distribuídos na comunidade entre seus diversos membros, tendo como finalidade que cada cristão exerça seu dom para benefício do outro, conduzindo, assim toda a comunidade cristã ao crescimento da fé e ao amadurecimento. Destaca-se uma característica importantíssima de uma comunidade de fé, seus membros não são conhecidos pelo egoísmo, mas procuram agradar a Deus e aos outros (LIM, 1996, p.391-396).

A questão dos relacionamentos entre os cristãos e os dons espirituais está no centro da carta aos Coríntios. Para Thielman (2007, p. 330), o principal objetivo de Paulo na carta, é trazer conciliação para uma comunidade dividida. Essa preocupação fica expressa já no primeiro capítulo da carta:

1Co 1:10: "Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês; antes, que todos estejam unidos num só pensamento e num só parecer."(NVI)

Thielman (2007, p. 331) vê esse texto como um condutor dos argumentos paulinos em sua carta. O orgulho e a arrogância estavam a ponto de arruinar aquela comunidade. Havia um sentimento de rivalidade na comunidade, impulsionado por pensamentos sofistas que giravam em torno de quem era o mais sábio, fazendo comparações entre si mesmos e seus mestres. Paulo rebate essas questões, lembrando-os de como foram alcançados de forma graciosa pelo evangelho. Recebendo, por meio da graça, a verdadeira sabedoria expressa na justiça, santidade e redenção (1Coríntios 1.30), deixando claro que tudo o que eles possuíam pertencia a Deus. Com esse argumento, Paulo busca conscientiza-los da unidade, lembrando-os de que nenhuma sabedoria humana poderia levá-los a ser parte do povo de Deus, mas somente a ação Divina fez isso por eles (THIELMAN, 2007, p. 332-336).

Essa mentalidade egoísta era expressa pelos coríntios na adoração comunitária. Eles ignoravam a unidade do corpo e o testemunho aos que não faziam parte da comunidade, priorizando os privilégios sociais. Isso estava evidente quando

se reuniam para a ceia do Senhor; os pobres saíam famintos, enquanto os ricos se fartavam. A forma como os dons eram exercidos também evidenciava o problema, principalmente no que diz respeito ao uso do dom de línguas, que era supervalorizado, enquanto os outros dons eram tidos como inferiores (THIELMAN, 2007, p. 339). Tenney (1995, p. 310) vê como a solução, para os problemas de egoísmo e divisão, o amadurecimento, o que, para Marshall está relacionado diretamente ao correto uso dos dons, que têm como principal objetivo edificar a comunidade, ou seja, levar cada membro à maturidade (MARSHALL, 2007, p. 391-396).

Para combater essa postura arrogante e orgulhosa dos coríntios, Paulo destaca, entre os dois capítulos que trata dos dons (12 e 14), a importância do amor, no capítulo 13. O apóstolo coloca o amor como uma espécie de árbitro do uso dos dons. Qualquer dom, inclusive o de línguas, que não seja manifesto sob o crivo do amor é invalidado, tornando-se inútil. Aliás, não somente o dom é descaracterizado pela falta de amor, mas a própria pessoa torna-se algo que, não deveria ser, uma vez que o apóstolo declara que sem amor “serei como o sino que ressoa ou como um prato que retine — 1 Co 13.1” e também, 1 Co 13:2: "Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, mas não tiver amor, *nada serei*." Trazendo o entendimento de que o uso de um dom sem amor traz uma transformação negativa para a pessoa (CARSON, 2013, p. 60, 61).

2.3. O APÓSTOLO E O DOM DE LÍNGUAS

O dom de línguas na primeira carta de Paulo aos Coríntios é um tema central. A igreja de Corinto tinha esse dom em alta estima; eles consideravam o dom de línguas o “grande divisor de águas” que separava os espirituais das pessoas comuns. É provável que os coríntios encarassem com desprezo o mundo material, considerando-se seres espirituais como os anjos. Esse entendimento pode estar ligado diretamente ao dom de línguas, uma vez que, Paulo ao corrigi-los, associa o dom de línguas a língua dos anjos. Falar a língua dos anjos era a comprovação de que eles se tornaram seres espirituais; por isso, o colocaram em destaque (FEE, 2019,

p. 719-724). A expressão, língua dos anjos, não é estranha ao contexto bíblico e judaico. Conforme Machado (2009, p. 189, 190), os fenômenos extáticos e a glossolalia estão presentes no antigo Israel, no cristianismo primitivo e também no mundo helenizado contemporâneo de Paulo e dos coríntios, e essa expressão pode ser encontrada em textos como o Apocalipse de Sofonias, Jó 48-50 e também em documentos de Qumran.

Porém, para Paulo, esse entendimento estava totalmente errado. Para ele, ser espiritual não significa desprezar ou anular tudo que esteja relacionado à vida presente, mas viver nesta terra a partir da perspectiva da vida que há de vir; vida essa que teve início com a morte e ressurreição de Cristo, mas que ainda não se consumou. Dessa forma, Paulo busca ensinar aos coríntios a importância da vida presente, onde eles devem buscar cultivar relacionamentos de amor, onde o outro é valorizado e necessário, focando em um culto público que tem como principal objetivo a edificação mútua por meio de todos os dons espirituais (FEE, 2019, p. 725).

Paulo busca estabelecer parâmetros para o uso adequado dos dons no culto público. Principalmente os dons de fala (dom de profecia e línguas), que possivelmente eram entendidos pelos coríntios como dons de profecia. Diante dessa possibilidade, era provável que a igreja tivesse preferência pela profecia na forma de falar em línguas estranhas. Paulo, no entanto, busca corrigir essa prática e mudar a ordem de prioridade, destacando como mais importante o dom que traz edificação para toda a igreja. O apóstolo não busca, com essa mudança, rotular o dom de línguas como um dom de nível mais baixo, mas deixar claro que o dom de profecia em língua inteligível é mais importante, no contexto do culto público, do que o dom de línguas quando não acompanhado de interpretação (FEE, 2019, p. 102).

O foco de Paulo não está nos dons em si, mas na edificação da igreja, que, por sua vez, só é possível por meio de dons compreensíveis, sendo o principal o de profecia. Seu argumento está fundamentado no amor como a “força motriz” que motiva e caracteriza o uso dos dons visando o bem comum. O apóstolo busca incentivar os coríntios a desejarem a manifestação do dom de profecia no culto público, em detrimento do dom de línguas, uma vez que a palavra profética compreensível edifica os crentes e leva os incrédulos à conversão (FEE, 2019, p. 825).

Uma vez que a edificação mútua da igreja de Corinto é a principal preocupação de Paulo, a questão da inteligibilidade da fala no culto público passa a ter um papel fundamental na construção de seu argumento. O apóstolo usa os exemplos de sons instrumentais que só podem despertar algum tipo de resposta de seus ouvintes conforme eles possam compreender suas diferentes notas. Paulo procura incentivar a igreja a buscar os dons que pudessem trazer edificação mútua, o que só seria possível se a manifestação do dom fosse inteligível para todos, e o falar em línguas não teria essa característica por si só, a não ser que fosse acompanhado pelo dom de interpretação (CARSON, 2013, p. 105, 106).

O ato de falar em línguas em 1 Coríntios é uma oração a Deus em linguagem ininteligível para os outros. Esse tipo de oração pode estar relacionado com oração de louvor, ação de graças e salmos, levando à edificação de quem ora. Essa experiência não faz com que quem ora esteja de alguma forma inconsciente; pelo contrário, a pessoa tem total controle e pode decidir não falar em línguas, conforme Paulo deixa claro no capítulo 14.28. É importante salientar que o estado de consciência em que o crente que ora em outra língua se encontra diz respeito a domínio próprio, uma vez que Paulo deixa claro que quem ora ou canta em outra língua ora com o espírito e não com a mente; dessa forma, “o ‘eu’ está conscientemente ativo, mas o que é falado, orado ou cantado não pode ser controlado ou colocado em palavras pela mente” (RIDDERBOS, 2004, p. 518, 519). Machado (2009, p. 192, 193) corrobora com esse entendimento. Para o autor, a afirmação de que o falar em línguas é algo direcionado a Deus, e não a homens, é provavelmente caracterizado por louvor (1Coríntios 14.14-17).

A relação que o apóstolo faz dos dons com a edificação mútua não pode ser usada para validar o argumento de que o dom de línguas não deve ser usado na vida devocional privada dos cristãos, como alguns tendem a fazer baseando-se de forma isolada no texto de 1 Coríntios 14.7. Carson (2013, p.37) lembra que o próprio apóstolo Paulo teve experiências extraordinárias que, em um primeiro momento, trouxeram benefícios apenas para ele. No entanto, essas experiências trouxeram benefícios indiretos para a igreja, uma vez que trouxeram mais capacitação para o ministério de Paulo. Para Carson, “é difícil ver como o versículo 7 do capítulo 14 torna ilegítimo o uso privado do falar em línguas se o resultado é uma pessoa melhor, um cristão com

mais consciência espiritual: a igreja pode, sim, receber benefícios indiretos”. O autor continua:

O versículo elimina a possibilidade de algum χάρισμα (*charisma*) para engrandecimento pessoal ou *meramente* para satisfação pessoal; ele não elimina a possibilidade de benefício individual (assim como o casamento, um dos χαρίσματα [*charismata*] de acordo com 1Co 7.7, pode beneficiar o indivíduo), desde que o resultado final seja o benefício comum. O contexto não demanda nada mais que isso (CARSON, 2013, p. 37).

O apóstolo estabelece o falar em línguas como um tipo de oração e adoração, com o espírito, válida (1Corintíios 14.2). No entanto, essa oração não pode trazer edificação comunitária, uma vez que a edificação mútua requer inteligibilidade, por isso, esse tipo de oração deve ser evitada na congregação a não ser que seja acompanhada de interpretação. É importante ressaltar que o apóstolo não está proibindo o falar em línguas em hipótese alguma. Pelo contrário, Paulo, além de afirmar que seu uso na congregação, juntamente com a interpretação é equiparado ao dom de profecia (1 Corintíios 14.5), o apóstolo deixa claro que ele tinha o hábito de falar em línguas na sua vida devocional 1Corintíios 14.18, 19, (CARSON, 2013, p. 106.107). Carson, ao comentar o argumento de Paulo nesses versículos, afirma:

Não há defesa mais firme para o uso privado do falar em línguas do que essa, e tentativas de evitar essa conclusão se tornam marcadamente insignificantes sob exame. Se Paulo fala em línguas mais do que todos os coríntios e, mesmo assim, ainda prefere falar na igreja cinco palavras inteligíveis há dez mil palavras em uma língua (um modo de dizer que ele não falará em línguas na igreja, praticamente em qualquer situação, mesmo sem eliminar totalmente a possibilidade), então onde é que ele fala? Não adianta supor que Paulo está aconselhando o uso privado e silencioso de línguas durante a assembleia, enquanto outro ministra. Adaptando o argumento de Paulo, como aquele que fala em línguas diria “amém”, se não estivesse prestando atenção? Já vimos que Paulo vê a oração com o espírito como uma forma válida de oração e adoração; o que ele não permitirá é a não inteligibilidade na igreja. A única conclusão possível é que Paulo exercia seu impressionante dom de línguas em particular (CARSON, 2013, p. 107,108).

Para Fee (2019, p. 853, 854), Paulo está fazendo uma diferenciação entre a vida devocional de cada crente e o culto público. Seus argumentos ensinam sobre sua

vida de devoção pessoal, onde as línguas tinham papel importante. Mas o que está no centro da argumentação do apóstolo é o que é adequado quando a igreja esta reunida. Carson (2013, p. 108) destaca que, no decorrer da história da igreja, sempre houve uma forte tensão entre a busca para entender a fé de uma forma mais racional e a busca por “sentir” a fé e aumentar a “paixão” por Deus. Paulo não torna ilegítima nenhuma dessas buscas, mas deixa claro que onde a igreja se reúne é “um lugar de inteligibilidade”.

O apóstolo encoraja o uso do dom de profecia na igreja, mas não proíbe o dom de línguas, desde que ele seja acompanhado pelo dom de interpretação. Ele coloca como prioridade no culto público a edificação mútua por meio dos dons inteligíveis, mas não proíbe a prática da oração em línguas na vida devocional para edificação pessoal; pelo contrário, o apóstolo deixa evidente que o dom de línguas fazia parte da sua vida devocional. As próximas seções desse trabalho serão dedicadas a compreender, por meio de uma análise contextual da carta de 1 Coríntios e uma exegese do capítulo 14.1-5, o aspecto devocional da oração em línguas a partir da afirmação do apóstolo Paulo em 1 Co 14.4a: "Quem fala em língua a si mesmo se edifica..." buscando responder questões como: como essa edificação acontece? Quais os benefícios um cristão, edificado por meio do dom de línguas, pode trazer para a comunidade de cristãos?

3. ANÁLISE DO TEXTO

Uma análise contextual da carta de 1 Coríntios, permitirá um melhor entendimento de 1 Coríntios 14:1-5. Essa perspectiva contribuirá para compreender o propósito do apóstolo ao instruir sobre o uso do dom de línguas, ressaltando seu papel na edificação pessoal e no fortalecimento da comunidade cristã.

3.1. CONTEXTO LITERÁRIO DA CARTA AOS CORÍNTIOS

3.1.1. Autoria

Já no verso inicial da primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo é indicado como o autor. Essa afirmação tem sido pouco contestada no decorrer da história. A igreja tem aceitado a autoria paulina desde o primeiro século. As evidências internas podem ser encontradas nos versículos, 1.1,13; 3.4-6; 4.15; 16.21; onde o apóstolo faz afirmações sobre ter escrito a carta. Como evidencia externa há o testemunho dos pais da igreja como, Clemente de Roma 95 d.C, Inácio por volta 110 d.C, Policarpo por volta 135 d.C e Tertuliano por volta de 200 d.C (MCARTHUR, 2019, p. 426).

3.1.2. Data

Paulo escreveu a carta, provavelmente no último ano de sua estadia na cidade de Éfeso no início do ano 55 d.C. Esta data é estabelecida a partir de informações encontradas em documentos oficiais do Imperador Claudio mencionando Gálio no cargo de procônsul da Acaia, no período da vigésima sexta aclamação de Cláudio como imperador. O que colocaria o episódio em que Paulo é julgado por Gálio em Corinto (v.14) no ano de 51 d.C. Após sua ida para a Síria, provavelmente em 52 d.C o apóstolo permanece em Éfeso por dois anos e meio. A primeira carta aos coríntios, provavelmente, foi escrita no último ano de Paulo em Éfeso, no início de 55 d.C (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 315).

3.1.3. Destinatário

A carta foi escrita para a igreja localizada na cidade de Corinto. A igreja foi fundada pelo apóstolo Paulo durante sua segunda viagem missionária (Atos 18.1). Após pregar o evangelho na cidade durante um ano e meio (Atos 18.11) o apóstolo foi levado para ser julgado pelo procônsul Gaio, mas foi liberto devido o caráter religioso das acusações (MACARTHUR, 2019, p. 426, 427).

A cidade de Corinto estava localizada no Istmo que liga a península do Peloponeso ao restante da Grécia. A cidade foi destruída pelos romanos em 146 a.C, seus cidadãos foram mortos ou escravizados. Ela voltou a ter importância no reinado de Julio Cesar, que a fundou novamente como colônia romana. Sua população era constituída de soldados aposentados, ex-escravos, judeus e gregos. Predominava a cultura, religião e leis romanas. Ainda assim, existia uma forte influência grega, que era visto, principalmente, através da língua grega que se tornou a língua franca da cidade, e também na religião, filosofia e cultura. A cidade tinha uma aristocracia fundamentada na riqueza e não em terras. Estava fortemente associada a imoralidade sexual, a ponto do termo “acorintiar” poder significar “fornicar” e a expressão “moça coríntia” uma maneira de se referir a uma prostituta (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 291, 292).

A comunidade cristã de Corinto era predominantemente pobre e gentílica, o que favoreceu uma influência pagã à fé cristã. Trazendo uma cosmovisão e comportamento ético helenizados. Relatos bíblicos mostram que a igreja de Corinto era um retrato da sociedade em sua volta em muitos aspectos. Esse retrato era visto em diversas atitudes e comportamentos, que levaram Paulo a escrever uma carta afim de corrigir tais questões (FEE, 2019, p. 3, 4, 5).

3.1.4. Contexto

A carta aos coríntios é uma resposta a problemas que havia se desenvolvido na comunidade após a saída de Paulo da cidade. O apóstolo trata, a partir de informações que chegam até ele, de diversas questões importantes, sendo a maioria dessas questões de ordem ética. Há indícios textuais que a carta evidencia uma divisão, não só entre eles, mas principalmente entre eles e o apóstolo Paulo. No centro

do conflito entre Paulo e a igreja de Corinto estava o entendimento do que significava ser espiritual (*pneumatikos*) (FEE, 2019, p. 5-7).

O desafio do apóstolo são dois: reafirmar sua autoridade apostólica e convencê-los a corrigir sua teologia e comportamento que estavam ameaçando o próprio evangelho. A maior dificuldade era o fato de a igreja questionar a autoridade do apóstolo, duvidando se ele era um *pneumatikos* (uma pessoa do Espírito ou espiritual) ou um profeta (FEE, 2019, p. 8, 9).

3.1.5. Propósito

Segundo Thielman (2007, p. 330) Paulo escreve a carta de primeira Coríntios focado em tratar de três questões cruciais para a igreja. Em primeiro lugar está a importância da unidade da igreja, uma vez que a comunidade de Corinto estava dividida em facções. Em segundo, o apóstolo trata da importância da santidade no meio do povo cristão, os limites entre o povo de Deus e os pagãos deveriam ser bem estabelecidos e respeitados, a igreja não deveria macular-se com as práticas mundanas. A terceira questão que apóstolo trata é cristológica, algumas pessoas estavam questionando a ressurreição corpórea de Cristo, o apóstolo combate essa questão vigorosamente, declarando que sem a ressurreição não há expiação pelo pecado, e, portanto, não há esperança futura para os cristãos.

Fee (2019, p. 11-13) argumenta que toda questão gira em torno do significado de ser uma pessoa do Espírito ou espiritual (*pneumatikos*). Os coríntios se consideravam pessoas espirituais, muito por causa de suas experiências de inspiração pelo Espírito, como o dom de sabedoria e conhecimento e enfatizando, de forma exagerada, o dom de línguas. Se viam como espiritualmente dotados de um conhecimento e sabedoria que os tornavam superiores e, provavelmente, acreditavam que a glossolalia comprovava que passaram a existir como anjos. Esse tipo de entendimento levou-os a um sentimento de superioridade, causando divisões entre eles. Isso também afetou a vida ética da igreja, uma vez que já se tornaram espirituais e participavam dos sacramentos (batismo e ceia), já não se importavam com o modo de comportamento que tinham nesta vida, tendo em vista que, tinha pouco ou quase nenhum efeito sobre a verdadeira espiritualidade de uma pessoa. Essa postura dos

coríntios, leva o apóstolo a tratar da questão dos dons como algo crucial para a verdadeira espiritualidade e crescimento da igreja.

Toda essa questão, coloca o dom de línguas no centro do argumento de Paulo. Dentro desse contexto o dom de línguas pode ser visto como algo ameaçador para a saúde espiritual da igreja. No entanto, como já visto nas seções anteriores desse trabalho, nada do que Paulo trata sobre o dom exige a abolição do mesmo. O próprio apóstolo termina seu argumento sobre o tema escrevendo: “Não proibam o falar em línguas” (1 Coríntios 14.39). O foco do apóstolo ao tratar do dom de línguas está em corrigir a ênfase exagerada no dom, destacando a importância de todos os dons dados pelo Espírito, principalmente no contexto de culto, priorizando nesse ambiente aqueles dons que beneficiam toda a igreja. Dessa forma, tendo em vista a proposta desse trabalho, trataremos na próxima seção o aspecto devocional do dom de línguas de acordo com 1 Coríntios 14.1-5.

3.2. EXEGESE DE 1 CORÍNTIOS 14.1-5

3.2.1. Delimitação da perícopes

Texto no original grego:

1. Διώκετε τὴν ἀγάπην, ζηλοῦτε δὲ τὰ πνευματικά, μᾶλλον δὲ ἵνα προφητεύητε. 2. ὁ γὰρ λαλῶν γλῶσση οὐκ ἀνθρώποις λαλεῖ ἀλλὰ θεῷ· οὐδεὶς γὰρ ἀκούει, πνεύματι δὲ λαλεῖ μυστήρια· 3. ὁ δὲ προφητεύων ἀνθρώποις λαλεῖ οἰκοδομὴν καὶ παράκλησιν καὶ παραμυθίαν. 4. ὁ λαλῶν γλῶσση ἑαυτὸν οἰκοδομεῖ· ὁ δὲ προφητεύων ἐκκλησίαν οἰκοδομεῖ. 5. θέλω δὲ πάντα ὑμᾶς λαλεῖν γλώσσαις, μᾶλλον δὲ ἵνα προφητεύητε· μείζων δὲ ὁ προφητεύων ἢ ὁ λαλῶν γλώσσαις ἐκτὸς εἰ μὴ διερμηνεύῃ, ἵνα ἡ ἐκκλησία οἰκοδομὴν λάβῃ. (1 CO 14.1-5^{UBS5})

3.2.2. Tradução da pericope

O caráter exegético da tradução literal do texto grego do Novo Testamento para a língua portuguesa envolve a produção de um mapa analítico. Esse elemento consiste em um quadro que apresenta (1) o texto grego do Novo Testamento proposto pela edição crítica selecionada (2) a análise morfossintática dos termos da pericope, baseada em manuais de gramática do grego koiné; (3) a forma lexical de cada termo, conforme indicada nos dicionários consultados; e (4) a tradução literal proposta após avaliação da análise morfossintática de cada termo, associada às possíveis definições lexicais indicadas nos dicionários consultados³.

Texto traduzido:

1 Esforcem-se para alcançar o amor e busquem especialmente os dons espirituais, de preferência para que profetizeis. 2 Pois o que fala em língua não fala a homens, mas a Deus. Ninguém, porém, entende, pois pelo espírito fala mistérios. 3 Mas o que profetiza fala a homens para edificação, encorajamento e consolação. 4 O que fala língua a si mesmo edifica, mas o que profetiza a igreja edifica. 5 Quero agora que todos vocês falem línguas, porém prefiro que profetizem. Maior é o que profetiza do que o que fala línguas, a menos que interprete, para que a igreja receba edificação.

³ Para produção do mapa analítico e análise morfológica que possibilitaram a tradução da pericope, o autor deste trabalho utilizou o RUSCONI, Carlo. Dicionário do grego do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2003.; WALLACE, Daniel B. Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009. KITTEL, Gerhard. Dicionário teológico do novo testamento vol 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. LOW, Johannes P. NIDA, Eugene A. (Ed). Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseados em domínios semânticos. Tradução Vilson Scholz. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. Novo Testamento interlinear Analítico Grego-Português - Texto Majoritário com aparato crítico/ por Paulo Sergio Gomes e Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2.ª ed. 2015. MOUCE, William D. Léxico analítico do Novo Testamento Grego/ Tradução: Daniel de Oliveira — São Paulo: Vida Nova, 2013.

3.3. Síntese Teológica

Como já visto, o apóstolo escreve para a igreja de Corinto a fim de corrigir alguns entendimentos doutrinários errôneos que resultam em práticas danosas para a igreja, o corpo de Cristo. Essas práticas provavelmente, estavam relacionadas, principalmente, ao uso dos dons na igreja de Corinto. Paulo restringe a discussão dos dons, aos de profecia e de falar em línguas, o que pode sugerir que havia conflitos e dúvidas quanto a esses dons entre os cristãos. Dessa forma, é possível que o dom de falar em línguas tenha tido primazia em relação ao de profecia, principalmente por sua característica espetacular (CARSON, 2013, p. 102).

Diante desse fato, o apóstolo, no capítulo 14, estabelece uma diferenciação entre os dois dons, dando primazia ao dom inteligível da profecia, que é capaz de edificar toda a igreja. O argumento de Paulo está fundamentado, principalmente, no que ele escreveu no capítulo 13 da carta, onde o apóstolo apresenta o dom do amor como uma espécie de árbitro para o correto uso dos dons. O apóstolo não busca combater a prática da glossolalia, mas sim o alto valor atribuído à prática (CARSON, 2013, p. 103). Fee (2019, p. 827) destaca a estrutura quiástica do texto. Paulo havia ordenado aos coríntios que buscassem os melhores dons (12.31), agora ele retoma o assunto com dois imperativos: “Esforcem-se para alcançar o amor”, apresentado pelo apóstolo no capítulo 13, “e busquem especialmente os dons espirituais” deixando claro que ao exercitar qualquer dom, o crente deve ter como motivação o amor pelos outros, que resultará na edificação do corpo. Dessa forma, para Paulo, os maiores dons, que ele exorta os crentes a buscar (12.31), estão relacionados àqueles que edificam a igreja (14.5).

O verbo imperativo *Διώκετε* (14.1), geralmente traduzido como “*Siga*” (A21, NVI, NAA e ARA), é utilizado pelo apóstolo para transmitir uma ordem e possui a conotação de “esforçar-se seriamente para adquirir” (MOUNCE, 2013, p.188.). Paulo, ao deixar claro a forma como deveriam buscar o amor, com empenho e dedicação, procura conscientizar a igreja, sobre a importância de viver o amor mútuo. A NVT fez uma escolha que destaca a importância que o apóstolo esperava que a igreja atribuísse ao

amor: “Que o amor seja seu maior objetivo!”. O Novo Testamento Interlinear Crítico⁴ também fez uma opção de tradução interessante — “Que o amor seja a vossa aspiração.” Para Fee (2019, p. 829) a busca pelos melhores dons precisa ser feita à luz da exortação imperativa ao amor, dando, assim, preferência (*μᾶλλον*) ao dom de profetizar. É importante destacar ainda, no versículo 1, a ocorrência de *μᾶλλον*, que traz a ideia de “dar a preferência” (MOUNCE, 2013, p.399). Segundo Carson (2013, p. 103), isso não significa que o dom de profetizar seja o melhor dom espiritual, muito menos que o dom de profetizar seja o único dom a ser desejado, mas tendo em vista que Paulo está contrastando o uso do dom de línguas sem interpretação e o dom de profecia no culto, os coríntios devem preferir a profecia devido ao seu caráter inteligível.

No versículo 2, Paulo faz duas afirmações importantes. A primeira diz respeito ao alvo da oração em línguas sem interpretação: *ὁ γὰρ λαλῶν γλώσση οὐκ ἄνθρωποις λαλεῖ ἀλλὰ θεῷ· οὐδεὶς γὰρ ἀκούει, ...* — “Pois o que fala em língua não fala a homens, mas a Deus; ninguém, porém, entende” (Tradução própria). Segundo Fee (2019, p. 831) essa declaração define o falar em línguas como oração e louvor, que, por sua vez proporciona uma íntima comunhão com Deus. Calvino⁵ utilizando um provérbio, afirma que quem fala em línguas “fala a si próprio e às paredes”. Para ele a declaração do apóstolo sobre falar a Deus, não passa de ironia. Carson (2013, p. 104) refuta alguns não carismáticos que defendem que a expressão “ninguém, porém, entende” está diretamente relacionada à falta de conhecimento de um idioma humano, uma vez que a expressão anterior estabelece um contraste entre falar a homens e a Deus. A segunda afirmação feita por Paulo é: *πνεύματι δὲ λαλεῖ μυστήρια·* — “Pois, pelo espírito fala mistérios.” *Μυστήρια* (mistérios) está relacionado a um tipo de conhecimento que está oculto a alguns e que só pode ser conhecido por meio de ensino ou revelação sobrenatural (RUSCONI, 2003, p. 315). Louw; Nida (2013, p. 309) alertam sobre possíveis problemas que podem surgir na tradução dessa palavra para o português como “mistério”, uma vez que essa tradução pode transmitir a ideia de um segredo que tentaram descobrir, mas fracassaram. No entanto, *Μυστήρια* traz a

⁴ Novo Testamento interlinear Analítico Grego-Português - Texto Majoritário com aparato crítico/ por Paulo Sergio Gomes e Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2.^a ed. 2015.

⁵ Calvino, João, 1509-1564 1Coríntios / João Calvino; [tradução de Valter Graciano Martins] – São José dos Campos, São Paulo: Fiel, 2014.

conotação de algo que não se conhecia antes, mas agora foi revelado, pelo menos a algumas pessoas.

Fee (2019, p. 831) afirma que é provável que *Μυστήρια* esteja relacionado a falas cujo conteúdo são “mistérios” falados pelo Espírito. Esse conteúdo está além da compreensão tanto daquele que fala quanto do ouvinte. Carson (2013, p. 104) entende que o termo pode não ter sido usado no seu sentido técnico, e sugere que “o falante e Deus compartilham verdades escondidas que outros não têm permissão de compartilhar”. Machado (2009, p. 193) destaca a probabilidade de que o termo esteja relacionado ao contexto apocalíptico, ligado a eventos celestiais que não estão naturalmente acessíveis aos homens. Dessa forma, *Μυστήρια* diz respeito a realidade ou conhecimento celestial que só podem ser conhecidos por meio da interpretação dada de forma sobrenatural.

Nos versículos 3 e 4, Paulo contrasta os “resultados” do falar em línguas com o dom de profecia. O que fala em línguas fala a Deus; aquele que profetiza fala diretamente a homens. Enquanto aquele, edifica a si mesmo, este edifica a igreja. Calvino⁶ afirma que, a edificação de si mesmo está relacionada a um sentimento egoísta, alimentado por desejo exibicionista, que estava colocando um dom “em alguma extensão supérfluo e sem valor, e, em certo sentido até mesmo nocivo” em alta estima, Paulo então escreve para abolir as línguas ou mantê-las fora da igreja. Carson (2013, p. 104) critica esse tipo de postura em relação ao dom de línguas. Para ele, Paulo não está tentando abolir o dom, uma vez que ele gostaria que todos falassem em línguas, o apóstolo vê todos os dons como uma dádiva de Deus, logo, algo bom, e deseja que os crentes possam desfrutar deles, inclusive o dom de línguas. Mas, no contexto do culto público, o apóstolo dá preferência aos dons que edificam toda a igreja. Fee (2019, p. 831) não vê a edificação de si mesmo como algo egocêntrico, mas como edificação pessoal que acontece por meio da oração e do louvor. Apesar do caráter inteligível das línguas, Fee afirma que a edificação pessoal pode acontecer de diversas maneiras, não somente por meio do “córtex cerebral”. Para ele, o apóstolo cria na possibilidade de “comunhão íntima e imediata com Deus por meio do Espírito” que não está sujeita somente ao intelecto. Smith, vê o falar em

⁶ Calvino, João, 1509-1564 1Coríntios / João Calvino; [tradução de Valter Graciano Martins] – São José dos Campos, São Paulo: Fiel, 2014.

línguas como uma modalidade de fala que não emprega palavras inteligíveis, mas mesmo assim é uma forma de expressão. Ele traz uma contribuição importante para essa questão:

Não se trata de perguntar: o que é que está oração quer dizer?, mas em vez disso: o que essa oração realiza? qual é a postura ilocutória daquele que ora e qual o efeito perlocutório sobre os que a ouvem, especialmente sobre a pessoa que busca a cura? O propósito da oração não reside tanto em dizer, mas sim fazer alguma coisa. Qual o propósito da oração? ... Em primeiro lugar, um ato de oração ou súplica: a pessoa orando em línguas está tratando de fazer exatamente isso: orar, e orar a Deus, buscando, desse modo, expressar um desejo a Deus “com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26). essa oração não tem a intenção de comunicar um conteúdo proposicional, mas de expressar profundidade na dependência de Deus, e, assim, uma humildade diante da presença divina. Ela também indica uma dependência do Espírito Santo em especial, já que se crê que o Espírito Santo é aquele que intercede por meio desses gemidos que não se encaixam nas condições dos idiomas conhecidos. E pode-se dizer que, nesse contexto, essa oração é uma espécie de prática sacramental de se esvaziar, reconhecendo o fracasso da linguagem em chegar ao nível dessa comunicação. A oração glossolálica é um meio de se tornar receptivo e de ser usado pelo Espírito Santo (SMITH, 2020, p. 209).

O termo *οἰκοδομῆν* (edificação) é central em todo o capítulo 14 e traz uma conotação de algo que aumenta o potencial, fortalece ou torna mais capaz (LOW, NIDA, 2013, P. 603). Como já visto, a edificação tem como principal objetivo levar cada membro da igreja à maturidade. Para Paulo, a saúde espiritual da igreja está diretamente relacionada aos dons. Eles são concedidos graciosamente pelo Espírito, para que cada crente seja capacitado a exercer sua função no corpo de Cristo (1Corintíios 12.15-26). Se cada cristão não cumprir sua função por meio dos dons espirituais concedidos pelo Espírito, essa postura acarretará prejuízos para todo o corpo. O apóstolo, preocupado com o crescimento de todo o corpo estabelece a primazia do dom de profecia no culto público (v. 5), uma vez que esse dom é inteligível e, por isso, tem o potencial de fortalecer e capacitar toda a igreja. O apóstolo vê a oração em línguas como uma forma válida de oração e adoração no contexto devocional, capaz de trazer fortalecimento e crescimento; ele mesmo exercia o dom de forma impressionante na sua vida de oração.

3.3.1. Oração em línguas: edificação pessoal por meio do Espírito

O dom de línguas manifesto na vida devocional pode proporcionar maior sensibilidade à direção do Espírito que leva àquele que ora a uma maior eficácia no testemunho cristão e na adoração a Deus. O objetivo principal das línguas na vida devocional, é levar o crente a uma profunda consciência de dependência do Espírito, que o conduz e proporciona um relacionamento íntimo com Jesus, trazendo forte convicção da necessidade de ter o caráter transformado pelo Espírito, a fim de se tornar um verdadeiro imitador de Cristo (KEENER, 2018, p. 206 - 209). Para Keener (2018, p. 136, 137) buscar a edificação pessoal não deve ser considerado algo inferior, uma vez que fortalecer o relacionamento com Deus é uma das principais razões pelas quais um cristão ora e estuda as escrituras em particular. Carson (2013, p. 37) assevera que se o resultado de orar em línguas na vida devocional é uma “pessoa melhor, um cristão com mais consciência” a igreja provavelmente será beneficiada e edificada, ainda que indiretamente.

Tendo em vista que os dons são uma capacitação, que vem do Espírito para que a igreja possa perseverar na vida cristã (GRUDEM, 1999, p. 861), e levando em consideração o caráter do ministério do Espírito, que está diretamente relacionando à continuidade do ministério de Jesus Cristo e de seu relacionamento com os seus discípulos (KEENER, 2018, p. 42, 43), é possível o entendimento de que a sensibilidade ao Espírito proporcionada pela oração em línguas traz uma conexão mais íntima com o Espírito Santo, que, por sua vez gera edificação — *οἰκοδομῆν*, algo que aumenta o potencial, fortalece ou torna mais capaz — pessoal devido ao crente estar mais sensível e suscetível ao papel do Espírito em sua vida.

A partir da análise do termo *οἰκοδομῆν* (edificação) e diante do entendimento bíblico, fundamentado em teóricos como Keener, que o crescimento espiritual é uma obra do próprio Deus por meio do Espírito, e também o fato de Fee afirmar que o apóstolo entendia o falar em línguas como uma ação direta do Espírito na vida de quem ora; é uma oração e louvor a Deus inspirados pelo Espírito, o espírito do crente ora enquanto o Espírito Santo concede as palavras (FEE, 2019, p. 847, 848). E, ainda conforme Keener (2018, p. 142, 141) acrescenta, que a oração no espírito, concede uma oração mais honesta e eficaz, uma vez que as próprias palavras da oração são

concedidas pelo Espírito Santo. É, então, possível relacionar a oração em línguas que leva a edificação com a obra do Espírito.

Dessa forma, é relevante para o entendimento da edificação pessoal que se volte para o papel do Espírito no crescimento e amadurecimento do cristão (edificação). O Espírito Santo é central para revelar Jesus à humanidade. Ele é responsável não apenas por trazer à memória as palavras de Jesus nas Escrituras, mas também por trazer consolo, conselho e defender cada cristão. Por meio do Espírito é possível que cada discípulo continue a desenvolver seu relacionamento com Cristo, e por meio Dele vem o entendimento das palavras de Jesus (Jo 16.13-16; 18.38-39), por meio Dele, Jesus se faz presente, manifestando sua presença e dando continuidade a sua obra. Por meio do Espírito, o cristão deve ser capaz de ouvir a voz de Cristo hoje, da mesma forma que seus discípulos o ouviram no passado, e isso deve proporcionar um entendimento melhor da mensagem do evangelho (KEENER, 2018, p. 41, 42, 43).

O Espírito Santo possibilita um relacionamento profundo com Jesus, que é evidenciado na vida cotidiana do crente. O cristão é guiado pelo Espírito em todos os aspectos de sua vida (Romanos 8.14) e isso garante que ele estará seguro em sua caminhada (Romanos 8.15-17). Ser guiado pelo Espírito também pode estar relacionado à questão ética, o cristão é guiado por Deus em caminhos de justiça (Gl 5.13; 6.10). O apóstolo Paulo também fala, em Romanos 8.16, sobre o ministério do Espírito, como aquele que testifica ao espírito do cristão a respeito de seu relacionamento com Deus. (KEENER, 2018, 46, 47).

Keener (2018, p. 75, 76) assegura que o cristão jamais alcançará vitória em suas próprias lutas se ele não aprender a depender daquilo que Deus, em Cristo, faz nele por meio do Espírito. O Espírito Santo faz uma obra profunda no interior do crente, transformando-o à imagem de Deus, produzindo o fruto do Seu caráter na vida do cristão. Por meio do Espírito o crente é capacitado a fazer a vontade de Deus e compartilha da natureza de Deus e seu caráter moral, sendo renovado à sua imagem em Cristo. Deus opera na vida de seus filhos, principalmente, por meio do Espírito, a transformação do crente a imagem de Cristo depende do próprio Deus. Paulo afirma que a maturidade do crente é resultado da obra de Deus e da presença de Cristo no crente (1Corintíós 12.6; Galatas 2.20; Filipenses 2. 12, 13.). A obra do Espírito traz

amadurecimento, levando cada crente a crescer conforme Seu próprio caráter, transformando-o para que viva conforme a vontade de Deus. Por meio do Espírito o crente recebe o poder para reconhecer sua nova identidade em Cristo, dando condições para que possa viver “como salvos do pecado, pela fé na obra consumada de Cristo”. Ele chama cada crente a um serviço caracterizado pelo amor abnegado, produzindo relacionamentos saudáveis no corpo de Cristo. Essas características podem ser encontradas principalmente no fruto que é gerado em cada cristão pelo Espírito (Gl 5. 22-25). A vida cheia do Espírito capacita cada crente para a adoração a Deus e o relacionamento com o próximo. O Espírito produz transformação moral, essa transformação capacita os membros de uma comunidade a se relacionarem uns com os outros (KEENER, 2018, p. 80, 82, 83, 88, 89, 91).

Palma (2004, p. 91) ao destacar o aspecto devocional da oração em línguas, relaciona esse tipo de oração à oração que Judas chama de oração no Espírito (v.20) e também com a declaração de Paulo sobre oração no Espírito (Ef 6.18). Para o autor orar no Espírito certamente inclui a oração em língua. Ele também afirma que muitos exegetas veem a glossolalia na declaração de Paulo aos romanos, "Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis". Roberson (2008, p. 14) afirma que, o Espírito foi enviado pelo Pai para transformar cada cristão de acordo com a imagem de Seu Filho Jesus. E um dos meios pelo qual Ele realiza sua missão é através da oração em línguas, por meio dessa oração se desenvolve-se um relacionamento profundo entre o espírito humano e o Espírito de Deus. A oração em línguas é uma oração do próprio Espírito — como visto acima, Fee e Keener corroboram com esse entendimento — portanto, uma oração mais eficaz.

Roberson (2008, p. 201, 216, 221, 222) define edificação por meio da oração em línguas como uma ação divina no espírito humano, que traz transformação e capacitação. Essa prática traz crescimento na fé, uma vez que ela aumenta a sensibilidade à direção do Espírito que ensina (Jo 14.26) por meio da palavra, “abrindo os olhos do coração” (Ef 1.18) para conduzir aquele que ora a um conhecimento cada vez mais profundo de Deus revelado nas escrituras. A oração em línguas como um meio para edificação pessoal, proporciona uma melhor consciência da necessidade de santificação, capacitando aquele que ora a resistir às tentações da velha natureza

e perseverar na verdadeira fé. O princípio é o mesmo, tanto para a edificação coletiva por meio da profecia, quanto para edificação pessoal por meio da oração em línguas. A edificação acontece quando a mente de Cristo é revelada por meio da palavra, tanto no coletivo quanto no individual. E conforme visto acima, é o Espírito Santo quem faz uma obra profunda no interior do crente, transformando-o em uma pessoa à imagem de Deus, produzindo o fruto do seu caráter na vida do cristão. Por meio do Espírito o crente é capacitado a fazer a vontade de Deus e compartilha da natureza de Deus e Seu caráter moral, sendo renovados à sua imagem em Cristo.

É ainda relevante analisar a edificação proporcionada pela oração em línguas a partir de uma análise do dom sob a perspectiva de um fenômeno extático. O êxtase é um estado não necessariamente comum, mas que faz parte da vida, essa experiência pode ser vivida e testemunhada em diversas formas, principalmente, por meio de uma contemplação mística, experimentada em diversos contextos religiosos. O êxtase pode ser definido, como, “um estado de alegria indizível ou tristeza profunda, excitação generalizada, uma comoção psíquica”. No êxtase, o estado original humano se altera. Mas, ao contrário do transe, não há perda do senso de realidade. O êxtase é, antes, um “estado de profunda concentração e não de perda de consciência” (SANTOS, 2004, p. 17, 38, 40, 95).

A emoção está presente de forma acentuada na experiência extática, podendo ser entendida como um elemento fundante do êxtase religioso. Durante o fenômeno extático, a emoção tem a capacidade de alterar a consciência, ampliando a percepção. Essa alteração torna as pessoas mais envolvidas com os conteúdos religiosos, facilitando mudanças de atitude e comportamento pessoal. Ela está relacionada à uma transformação como a do “novo ser”⁷. Isso não significa que essa experiência seja exclusivamente emocional. Ao contrário do que normalmente se entende, a emoção e a razão estão diretamente ligados:

Nos estados de alteração, as emoções são percebidas, mas a racionalidade não é abandonada. Estar em êxtase não é atitude irracional. A razão está lado a lado com a emoção. É por meio da razão que o julgamento das idéias religiosas se estabelece, e a emoção é o resultado do sentimento religioso, vivenciado na experiência de sentido (SANTOS, 2004, p. 14).

⁷ Expressão cunhada por Paul Tillich, 1967, p. 30, 49, apud SANTOS, 2004, p. 23.

O êxtase pode ser visto como um estado de consciência ideal para vencer dificuldades que impedem a comunhão com o divino. Ele pode estar ligado ao caráter místico da religião e ao recebimento de uma revelação, revelação — uma manifestação extraordinária, que torna conhecido o que antes era desconhecido. O êxtase é uma forma de perceber e suportar o que não seria possível apenas pela razão, por exemplo, a revelação especial da Trindade a compreensão de que Jesus é Deus (SANTOS, 2004, p. 114, 139, 141).

A oração pode ser vista como a “manifestação extática por excelência”. A oração é uma conversa com Deus, em que Ele não é apenas o objeto da oração, mas também o sujeito, “só podemos orar a Deus que ora a si mesmo por meio de nós”. O êxtase quebra a barreira do comum e da razão, tornando-se um poder libertador, que transcende a consciência — um poder criado pela própria presença divina (SANTOS, 2004, p. 148, 149).

A partir dessa breve análise, pode-se entender que o êxtase pode trazer um forte senso espiritual, provocando mudanças de comportamento religioso. Que impacta a pessoa que passa por essa experiência, gerando mudanças radicais de atitude, constrangendo-a a alterar seu comportamento. A glossolalia, a oração em línguas estranhas, é um bom exemplo desse fenômeno⁸ (SANTOS, 2004, p. 84, 157).

Enfim, a oração por meio do dom de línguas, embora não seja propícia ao culto público, tem grande valor para a vida individual de cada crente. Esse tipo de oração busca expressar profunda dependência de Deus. Ela também indica uma dependência do Espírito Santo em especial, já que se crê que o Espírito Santo é aquele que intercede por meio desses gemidos que não se encaixam nas condições dos idiomas conhecidos (SMITH, 2020, p. 209), uma vez que é uma oração e louvor a Deus inspirados pelo Espírito, o espírito do crente ora enquanto o Espírito Santo concede as palavras (FEE, 2019, p. 847, 848). “Pode-se dizer que, nesse contexto, essa oração é uma espécie de prática sacramental de se esvaziar, reconhecendo o fracasso da linguagem em chegar ao nível dessa comunicação. A oração glossolálica

⁸ Para uma análise mais detalhada sobre a relação do fenômeno extático com a consciência e percepções humanas, assim como um melhor entendimento da relação entre a razão e o êxtase ver SANTOS, Rosileny Alves dos. **Entre a razão e o êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

é um meio de se tornar receptivo e de ser usado pelo Espírito Santo” (SMITH, 2020, p. 209). É preciso ouvir o texto bíblico com maior atenção e cuidado. O apóstolo em momento algum, condena o dom de línguas no contexto da vida devocional, mas condena as línguas não interpretadas quando a igreja está reunida. Afirmar que a edificação pessoal por meio desse dom é irrelevante ou desnecessária, provavelmente é interpretar Paulo de uma forma errônea (FEE, 2019, p. 834, 835). No entanto, o dom de línguas não é a principal aspiração de um cristão, muito menos significa que ele chegou à plenitude da experiência cristã. Cada um recebe uma manifestação do Espírito conforme ele quer (1Co 12. 7,11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo sobre o dom de línguas, com base em 1 Coríntios 14.1-5, demonstrou que Paulo tem esse dom em alta estima, uma vez que ele é um recurso espiritual importante para a edificação pessoal, além de poder trazer fortalecimento coletivo quando acompanhado do dom de interpretação. Foi demonstrado que, ao exortar a igreja ao correto uso do dom de línguas, o apóstolo está preocupado em corrigir os crentes no que diz respeito ao culto público, trazendo equilíbrio entre a experiência pessoal e a necessidade da edificação comunitária por meio de dons inteligíveis.

A prática do dom de línguas, portanto, vai além de uma experiência emocional ou extática; ela promove uma conexão profunda com Deus, trazendo fortalecimento do Espírito para o crente, intensificando seu relacionamento com Cristo. Edificar a si mesmo, não está relacionado a uma autoedificação no sentido negativo, mas sim uma edificação pessoal do crente que vem por meio de oração e louvor inspirados pelo Espírito Santo.

A edificação por meio do dom de línguas acontece por intermédio de uma sensibilidade à obra do Espírito proporcionada pela prática da oração em línguas. Essa sensibilidade traz um forte senso de dependência do Espírito, que gera um relacionamento mais profundo com Ele, tornando, assim, Sua obra mais eficaz na vida do crente, trazendo transformação de mente e caráter, revelando e ensinando a Palavra de Deus, conduzindo aquele que pratica a oração em línguas à imagem de Cristo e, por tanto, ao amadurecimento

Paulo reconhece que o dom de línguas tem um papel importante na vida devocional do cristão, permitindo uma comunicação que vai além do entendimento racional. No entanto, ele ressalta a primazia dos dons inteligíveis, principalmente o dom de profecia, que promovem entendimento e comunhão, pois visam à edificação de toda a igreja reunida. Porém, essa orientação não desvaloriza o dom de línguas, mas o posiciona dentro de uma hierarquia no culto público, onde os dons que servem ao propósito de edificação coletiva têm prioridade. Dessa forma, a prática devocional do dom de línguas pode contribuir para a vida espiritual do crente, promovendo a edificação pessoal, que, por sua vez, influencia positivamente o convívio comunitário, proporcionando, mesmo que indiretamente, a edificação coletiva. Como Carson

(2013, p. 37) afirma, o resultado de orar em línguas na vida devocional é uma “pessoa melhor, um cristão com mais consciência” (um cristão maduro) e a igreja provavelmente será beneficiada e edificada, ainda que indiretamente.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que o dom de línguas, a partir das orientações de Paulo, integra a experiência pessoal e o compromisso comunitário, promovendo um crescimento equilibrado e saudável no corpo de Cristo. Devido ao caráter deste trabalho e as limitações de quem o escreve, não foi possível trabalhar mais profundamente a relação entre a oração em línguas e a obra do Espírito, assim como não foi possível desenvolver as características desse dom como oração de louvor e adoração e seus benefícios, também não foi possível desenvolver relação desse dom com a oração no espírito mencionada por Paulo em Efésios 6.18 e em Judas v.20. Isso evidencia a riqueza do tema, de fato, um tema abrangente que merece ser trabalhado mais profundamente.

Portanto, conclui-se que o dom de línguas, em sua dimensão pessoal, auxilia o crente, concedendo-lhe maior sensibilidade à obra do Espírito, na busca por uma vida espiritual mais plena e fundamentada. Assim, o estudo reafirma a validade e importância do dom de línguas na atualidade, como um meio de aproximação de Deus que beneficia tanto o indivíduo quanto a comunidade cristã em sua totalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAND, Kurt et al. O Novo Testamento Grego: quinta edição revisada (UBS5). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- BROW, Colin; Lothar Coenen. **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BURGESS, Stanley. A evidência do Espírito: nas antigas Igrejas do Oriente. *In*: MCGEE, Gary. (Ed.). **Evidência inicial: perspectivas bíblicas e históricas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito**. Natal/RN: Carisma, 2019.
- BURGESS, Stanley. A evidência do Espírito: As Igrejas ocidentais Medievais e Modernas. *In*: MCGEE, Gary. (Ed.). **Evidência inicial: perspectivas bíblicas e históricas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito**. Natal/RN: Carisma, 2019.
- CALVINO, João. Comentário 1Coríntios. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014.
- CARSON, D.A. **A manifestação do Espírito: a Contemporaneidade dos dons a luz de 1Coríntios 12–14**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CARVALHO, César Moisés. **O batismo no Espírito é as línguas como sua evidência: a imersão plena no profetismo da nova aliança**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- DUNN, James D.G. **A teologia do apóstolo Paulo**; Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.
- GAFFIN Jr, Richard B. O ponto de vista cessacionista. *In*: GRUDEM, Wayne A. - **Cessaram os dons espirituais? 4 pontos de vista** / Wayne A. Grudem, (org.); tradução Gordon Chown, — São Paulo: Editora Vida, 2003. — Coleção Debates Teológicos)
- GOMES, Paulo S, Olivetti, Odayr. **Novo Testamento interlinear Analítico Grego-Português - Texto Majoritário com aparato crítico/** São Paulo: Cultura Cristã, 2.^a ed. 2015.
- GORMAN, Michael. **O apóstolo do Senhor crucificado: uma introdução teológica a Paulo e suas cartas**. São Paulo: Hagnos, 2022.
- GUIMARÃES, J.A Lucas. (Ed.) **A IPB e o Espírito Santo — Carta pastoral “O Espírito Santo hoje: dons de línguas e profecia”**. São Paulo: Edições PRST, 2022.
- GROMACKI, Robert G. **Movimento moderno de línguas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.

GRUDEM, Wayne A. **-Cessaram os dons espirituais? 4 pontos de vista / Wayne A. Grudem, (org.); tradução Gordon Chown, —** São Paulo: Editora Vida, 2003. — Coleção Debates Teológicos)

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: atual e exaustiva.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

KEENER, Craig S. **O Espírito na igreja: o que a Bíblia ensina sobre os dons.** São Paulo: Vida Nova, 2018.

KITTEL, Gerhard. **Dicionário teológico do novo testamento vol 1.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LIM, David. Os dons Espirituais *in*: HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática.** Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LOW, Johannes P. NIDA, Eugene A. (Ed). **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseados em domínios semânticos.** Tradução Vilson Scholz. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACARTHUR, John. **Manual bíblico.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

MACARTHUR, John. **Os Carismáticos.** São Paulo: Editora Fiel, 1981.

MACCHIA, Frank D. **Batizados no Espírito: uma teologia pentecostal global.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.

MACHADO, Jonas. **O misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo: um novo olhar nas cartas aos coríntios pela perspectiva da experiência religiosa.** São Paulo: Paulus, 2009.

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do novo testamento: diversos testemunhos, um só evangelho.** São Paulo: Vida Nova 2007.

MCGEE, Gary. (Ed.). **Evidência inicial: perspectivas bíblicas e históricas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito.** Natal/RN: Carisma, 2019.

MOUCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego/ Tradução: Daniel de Oliveira —** São Paulo: Vida Nova, 2013.

PALMAN, Anthony D. **O batismo no Espírito Santo e com fogo: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004

ROBERSON, Dave. **O andar no Espírito-O andar no poder: o papel vital da oração em línguas.** São Paulo: Ministério Ana Maria Dias, 2008.

ROBECK Jr, Cecil M. William J. Seymour e “a evidência bíblica”. *In*: MCGEE, Gary. (Ed.). **Evidência inicial: perspectivas bíblicas e históricas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito.** Natal/RN: Carisma, 2019.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2003.

SAGRADA, Bíblia. **Almeida Revista e Atualizada**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993

SAGRADA, Bíblia. **Almeida Século 21**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

SAGRADA, Bíblia. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

SAGRADA, Bíblia. **Nova Versão Internacional (NVI)**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993

SAGRADA, Bíblia. **Almeida Século 21**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

SAGRADA, Bíblia. **Nova Versão Transformadora**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

SANTOS, Rosileny Alves dos. **Entre a razão e o êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SCHREINER, Thomas R. **Dons espirituais: uma perspectiva cessacionista** / Thomas R. Schreiner; tradução de Marcelo Siqueira Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2019.

SIQUEIRA, Gutierrez. **Pneumatologia: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

SMITH, James K. A. **Pensando em línguas: contribuição pentecostal para a filosofia cristã**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020.

STORMS, Sam. **Dons espirituais: uma introdução bíblica, teológica e pastoral**. Rio de Janeiro: AnnoDomin, 2014.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

THIELMAN, Frank. **Teologia do novo testamento: uma abordagem canônica e sintética**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

WALLACE, Daniel B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.